MISSÃO PAULO COELHO

RAIAM SANTOS

EK

MISSÃO PAULO COELHO

EM GENEBRA, EM BUSCA DO MAGO

RAIAM SANTOS

Dedicatória

Dedico este meu quarto livro a Andrey, Giovana, Paul, Rebecca, Maria Clara, André, Christina Oiticica e ao próprio mago Paulo Coelho.

POR QUE ESCREVI ESSE LIVRO?

Na real, eu estava morrendo de medo de escrever esse livro.

Especialmente por causa do nome, né?!

Vai que o cara decide tretar com o título e os advogados todo-poderosos dele correm atrás de mim.

Como dizia um velho e ousado sábio do mundo dos negócios, é bem melhor pedir perdão do que permissão.

Sim, o enredo principal desse livro é a viagem que eu fiz até a cidade de Genebra na Suíça para correr atrás desse cara que foi minha maior referência de vida durante um bom tempo.

Putz Raiam, mas por que toda essa obsessão e idolatria?

Tive meus motivos.

E eles têm tudo a ver com a tal Linguagem dos Sinais que está sempre presente nos livros, crônicas, posts e tweets de Paulo Coelho.

Mas já posso te adiantar que Missão Paulo Coelho é muito mais do que uma simples narrativa de viagem e fanfarronice.

Numa das longas caminhadas que faço diariamente, parei para pensar um pouco na vida e cheguei a seguinte conclusão: 95% das pessoas que eu conheço já sonharam, pelo menos uma vez na vida, em escrever um livro.

Tem até aquela velha história que o ser humano só precisa executar três coisas em sua vida: plantar uma árvore, fazer um filho e escrever um livro.

Os dois primeiros são relativamente fáceis. Por que será que quase ninguém consegue o terceiro?

Nessa pegada aí, Missão Paulo Coelho acaba sendo um “meta-livro” sobre todas as inseguranças, todos os fantasmas e todas as alegrias de botar a criatividade para jogo e superar aquele medo de escrever para o mundo.

Posso te dizer que meu maior orgulho hoje em dia é bater no peito e dizer ao mundo que sou escritor por profissão.

Obrigado por ter aberto esse arquivo e vamo cair pra dentro!

Capítulo 1.
Não Pare Na Pista

“São as forças que parecem ruins, mas na verdade estão ensinando a você como realizar sua Lenda Pessoal. Estão preparando seu espírito e sua vontade.”

Depois de quase 10 anos morando no exterior, voltei para o Brasil na pilha de escrever um livro e realizar aquele meu velho sonho de infância: ser um escritor reconhecido mundialmente.

O problema é que eu sentava para escrever e não saía porra nenhuma.

A ideia era tirar um ano sabático para dar uma respirada e me dedicar àquele sonho de ser escritor. Mas o tal ano sabático rapidamente se transformou em depressão profunda.

Só hoje que eu percebi o porquê de passar quase dois anos sem conseguir escrever sequer uma linha da minha obra.

É o velho conceito do cálice.

Para você transbordar o conteúdo do teu cálice para o mundo, primeiro ele precisa estar cheio.

Não precisa ser PhD em física nem decorar fórmulas complexas para saber que cálice vazio não transborda.

Agora vou passar esse conceito do cálice para a minha realidade: não adianta você querer mudar o mundo e mandar uma mensagem para as pessoas se você está vazio por dentro.

Sim, senhores: eu estava vaziasso por dentro e os “Deuses da Criatividade” trataram de me manter na inércia por um bom tempo.

Olhando pra trás e lembrando de toda minha trajetória, eu dividiria minha vida em dois estágios: antes de assistir o filme *Não Pare na Pista* e depois de assistir o filme *Não Pare na Pista*.

Bom, vou supor que você nunca ouviu falar nesse filme aí.

Fica tranquilo. Ele não é muito conhecido não.

Apesar de ser uma das obras mais fodásticas que eu já assisti na vida e de ter atores conhecidos do público brasileiro, a verdade é que ele não mandou muito bem nas bilheterias mundo afora.

Não Pare Na Pista conta a história do escritor brasileiro Paulo Coelho, usando o livro O Mago de Fernando Morais como referência de roteiro.

Para você ter uma ideia, o *Não Pare Na Pista* só passou em umas 2 ou 3 salas de cinema no Rio de Janeiro quando foi lançado.

Por que será?

Converso com muita gente do mercado literário aqui no Brasil e parece que é um consenso que Paulo Coelho saiu de moda no nosso país.

Talvez seja exatamente por isso que eu não sabia quase nada sobre o tal do Paulo Coelho até assistir aquele filme no final de 2013.

Na real, meu único contato com o trabalho do cara tinha sido na semana da final da Copa da França em 1998.

Caramba, Raiam! O que Paulo Coelho tem a ver com futebol?

O Brasil estava prestes a tomar um sarrafo dos donos da casa.

Dois dias antes daquela fatídica final de Saint-Denis, eu assisti uma entrevista do camisa 10 francês Zinedine Zidane dizendo que seu livro favorito era *O Alquimista* de um brasileiro chamado Paulo Coelho.

Aquela afirmação ficou marcada para sempre na minha cabeça de criança.

Que legal, né? Um astro do futebol mundial leu o livro de um cara que era brasileiro que nem eu.

Se fosse hoje, eu já jogaria o nome do cara no Google para matar um pouco da minha curiosidade.

Já que era 1998 e eu não tinha nem computador em casa, o negócio morreu ali mesmo.

Sim, sabia que tinha um escritor brasileiro que havia feito muito sucesso ao redor do mundo mas nunca mais ouvi nada sobre ele.

Nem na escola.

Nem na mídia.

Muito menos nas livrarias.

Nesse ano sabático que eu tirei depois dos 2 anos de correria na bolsa de valores de Nova York descritos no meu terceiro livro **Wall Street: O Livro Proibido**, fui morar com meus pais num micro-apartamento de 2 quartos na esquina das ruas Santa Clara e Domingos Ferreira... bem no coração do bairro de Copacabana.

Desde que eu me dou por gente, meus pais foram metidos a intelectuais e adoravam assistir os chamados filmes-cabeça.

Filmes-cabeça são aqueles filmes fora do circuito do povão... típicas obras cult que concorrem ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Na minha infância, a gente morava num bairro relativamente pobre do subúrbio do Rio.

Tinha cinema lá perto de casa como o Nova América e o Madureira Shopping mas pode ter certeza que não passava muito filme *cult* por lá não.

Por causa disso, os dois faziam questão de cruzar a cidade para ir em cinemas de gente rica como Estação Botafogo, Casa de Cultura Laura Alvim e Estação Barra Point e assistir os chamados "filmes-cabeça" de diretores como Jean-Luc Godard e Pedro Almodóvar.

Eram obras francesas, argentinas, italianas, asiáticas... tudo que estivesse à margem dos grandes circuitos eles estavam lá assistindo.

Eles iam um pouco além do cinema: passavam horas e mais horas em discussões existenciais sobre as lições passadas por aqueles filmes desconhecidos e malucos.

Passei quase uma década longe de casa mas aquele "hábito intelectual" continuou intacto.

A condição financeira da família melhorou e finalmente nos mudamos para um bairro nobre.

O engraçado é que a gente morava a uma quadra da praia mais famosa do Brasil mas só mergulhava uma vez a cada 6 meses.

Às vezes eu penso que meus pais mudaram para Copacabana só para ficarem mais perto daqueles cinemas-cabeça e gastarem menos com

gasolina, pedágio e estacionamento.

Numa dessas excursões semanais aos cinemas-cabeça, eles voltaram para casa muito mais pilhados do que o normal.

Tipo: parecia que os dois estavam até emocionados.

Eles haviam acabado de chegar do cinema Roxy da rua Bolívar de Copacabana.

Apesar de ser um cinema “normal”, aquele Roxy era o único lugar da cidade que estava passando a produção espanhola *Não Pare na Pista: A Melhor História de Paulo Coelho*.

“Raiam, você tem que assistir esse filme. Tem tudo a ver com você”

Eles insistiram umas cinco ou seis vezes mas eu estava tão deprimido que não gostava nem de sair pra rua.

Só saía para tomar um açaí no bar da esquina e para ir ao consultório da psiquiatra na rua Miguel Lemos.

Minha mãe encheu tanto meu saco durante aqueles dias que eu acabei jogando a toalha e fui na porra do Roxy. Era uma quarta à noite, o último dia antes dos cinemas trocarem a programação da semana.

Saí de lá tremendo.

Acho que a passagem do filme que mais me marcou foi um simples diálogo entre o Paulo Coelho adolescente e seu psiquiatra.

Paulo tinha um comportamento meio estranho pra idade dele e seus pais pensavam se tratar de algum distúrbio mental.

Por isso, eles mandaram o filho para uma espécie de hospício onde ele era submetido a sessões de choque. Sim, o tratamento nos anos 1950 era feito à base de choque elétrico, mano.

“Eu quero ser escritor. Nunca pensei em ser outra coisa.”

Aí o psiquiatra e chega nele e diz:

“Mas isso é bom! Escrever é muito bom. É uma das formas da gente organizar as coisas que a gente sente, que a gente pensa né, Paulo?

Depois de um momento de silêncio, o cara chega pra ele e pergunta:

“E uma profissão? Você já escolheu uma profissão?”

Paulo olha pra cara do médico com cara de puto:

“Eu quero ser escritor”

Daí o velho faz uma cara de debochado e ri dele:

‘Você acha que alguém vai querer ler essas coisas que você escreve sobre você?”

Já deu pra matar a charada, né?

Capítulo 2.
É Branco... Mas Parece Comigo

“Sempre que quiser algo, todo o universo conspirará para que você consiga isso. Mas você precisa dar um passo em direção ao seu sonho e então você será guiado”

Não só aquela cena do psiquiatra mas o filme inteiro deixou minha cabeça totalmente fora de órbita.

Caralho! O cara simplesmente saiu da onde eu saí e chegou aonde quero chegar.

São raros os casos onde um brasileiro é melhor do mundo em alguma coisa, né?!

Não vou entrar no mérito de dizer que Paulo Coelho é o melhor escritor do mundo. Mas ele tá lá no topo entre os que mais vendem livros já há algumas décadas.

Se fosse ruim não vendia tanto, né?!

Mas aí Raiam... ele saiu da onde você saiu? Como assim?

Pra começar, ele era aluno do Santo Inácio, colégio tradicional da elite carioca.

Eu estudei no Santo Agostinho, principal rival do Santo Inácio nos rankings de melhores colégios do Rio de Janeiro.

Ambos tínhamos problemas com a disciplina e não conseguíamos nos adaptar àqueles padrões engessados e linha-dura do ensino católico.

Éramos tão diferentes da média que passamos boa parte de nossa infância em terapia psicológica e psiquiátrica.

Para você ter uma ideia, eu reprovei a 6ª série do Santo Agostinho por comportamento.

O engraçado é que eu era o melhor aluno do colégio e meu boletim só

tinha notas acima de 8.

Mesmo assim, tomei trolha em comportamento porque passava o dia avacalhando as aulas, desafiando os professores e questionando os métodos da Igreja Católica.

Lá no Santo Agostinho, todo mundo que termina o ano com média abaixo de 6 em comportamento é convidado a se retirar do colégio pela diretoria. Até hoje é assim.

Foi exatamente isso que aconteceu comigo.

O argumento de ser um aluno estudioso com bons resultados não colou muito com os patriarcas da igreja. Regras são regras, né?!

Meu velho teve que implorar ao frei-diretor para que ele me aceitasse de volta no colégio.

Passei direto em tudo mas fiquei as férias inteiras de castigo por causa daquela "humilhação" que havia proporcionado a meu pai.

Toma outra coincidência aqui: antes de virar escritor e de viver uma vida pacata e aparentemente monótona nas montanhas da Suíça, o Paulo Coelho também teve seus dias de ousadia-hippie perambulando pelo mundo com pouco dinheiro no bolso e conhecendo gente diferente.

O maluco faz questão de dizer que experimentou de tudo quando tinha seus 20 e poucos anos: álcool, drogas, putaria, magia negra... o engraçado é que Paulo Coelho fala abertamente que já deu o cu.

Aí já é vacilação, né?!

Não cheguei a esse extremo mas posso dizer que tive uma juventude bem intensa... e até me orgulho disso.

Agora vamos para o lado familiar.

No filme e na biografia escrita por Fernando Morais, ficou bem evidente que quem dava as cartas na família Coelho era seu pai Pedro.

Na hora da tomada de decisões, sua mãe só estava ali pra fazer figuração já que a palavra final era sempre a do *macho alfa* da família.

Lá em casa era a mesma coisa.

Só que o engenheiro Pedro deu lugar a um piloto de avião negro e intimidador de 1,90m e 140kg chamado Francisco.

A principal característica em comum entre o Sr. Pedro e o Sr. Francisco foi algo que acabou passando para a geração seguinte e moldando o caráter e a mentalidade de seus filhos.

Apesar de medrosos e ultra conservadores, os dois conheciam muito bem o conceito da Lei da Atração.

E eles dois iam além do “conhecer”. Tanto o pai de Paulo Coelho quanto o meu realmente o colocavam em prática.

Vou até tirar uma passagem do filme que ilustra bem essa característica em comum dos dois velhos. Numa discussão entre pai e filho, Pedro diz o seguinte:

“Paulo, tudo o que eu quis na minha vida, eu fiz. Eu quero a casa da Gávea e eu tô fazendo. Do jeito que eu posso, aos poucos, mas eu tô fazendo. Eu pago um preço pelo meu sonho.”

Pedro e Francisco eram dois caras extremamente determinados que realmente concretizaram seus grandes sonhos de vida e pagaram o preço por isso.

Acho que vale a pena trazer de volta a frase que introduz esse humilde capítulo:

“Sempre que quiser algo, todo o universo conspirará para que você consiga isso. Mas você precisa dar um passo em direção ao seu sonho e então você será guiado”

O problema é que seus “grandes sonhos” eram sonhos relativamente pequenos, pelo menos na minha visão atual.

Um queria construir sua casa na Gávea e outro queria ter um apartamento próprio perto da praia.

Tem uma frase de outro velho rico brasileiro que também mora na Suíça e abraça bem esse ponto. Fala tu, senhor Jorge Paulo Lemann:

“Sonhar grande e sonhar pequeno dá o mesmo trabalho”

Na grande maioria de suas entrevistas, o Paulo Coelho faz questão de dizer que passou a vida dele lutando por seus sonhos e nunca aceitou um não como resposta.

Genético, né?

Eu me identifico pra caralho com aquilo.

Na minha pré-adolescência, eu tinha o sonho de morar na Califórnia.

Boom: bolsa de estudos para estudar na San Diego High School aos 15 anos.

Falando nisso, meu pai adotivo Grant da *host family* do intercâmbio nasceu no mesmo dia, no mesmo mês e no mesmo ano que o Paulo Coelho!

Vou forçar um pouco mais a barra e entregar outra grande coincidência.

O rito de passagem da vida de Paulo Coelho foi quando ele completou o Caminho de Santiago em 1986.

O meu rito de passagem aconteceu exatamente 20 anos depois durante aquele intercâmbio na cidade californiana de San Diego.

E se eu te disser que San Diego e Santiago são a mesma pessoa na Bíblia?

Cataplei!

Ou você não sabia que Diego, Tiago, James, Iacopo, Jacob, Jim, Jaime, Iago são derivações do mesmo nome hebreu?

Depois de realizar aquele sonho da Califórnia, eu notei que ser atleta era bem-visto pela sociedade americana e decidi que queria ser jogador de futebol americano.

Boom: destaque no San Diego Cavers, no Pennsylvania Quakers e na Seleção Brasileira.

Depois eu queria porque queria trabalhar em Wall Street e ganhar mais do que meu pai.

Boom: oferta para trabalhar no banco de investimento Citigroup de Nova York e algumas notas de dólar no bolso.

Depois eu enjoei daquela merda chamada mercado financeiro e botei na cabeça que queria ser apresentador de TV.

Boom: apresentador e comentarista no Esporte Interativo e na ESPN.

O que todos esse booms têm em comum?!

Acertou quem pensou na frase do Jorge Paulo Lemann ali de cima.

Foram tantos sonhos pequenos realizados que estava mais do que na hora

de voltar a focar naquele sonho grande que eu tinha desde meus 9 anos de idade: ser um escritor reconhecido mundialmente.

Talvez pelo meu estilo extrovertido e cara-de-pau, nunca tive dificuldade para chegar até “pessoas de poder”.

De vez em quando tenho umas crises de ostentação, abro o Instagram e posto fotos antigas ao lado de celebridades mundiais como Messi, Neymar, Eric Thomas, LeBron James e Adriana Lima.

Depois de tanta Lei da Atração e tantas coincidências, resolvi inserir mais um objetivo pessoal na minha jornada:

“Preciso conhecer esse filha da puta pessoalmente”.

CAPÍTULO 3.
DEU TUDO ERRADO

“Tanto os pastores como os marinheiros ou os caixeiros-viajantes sempre conheciam uma cidade onde havia alguém capaz de fazer com que esquecessem a alegria de viajar solto pelo mundo.”

Chegou um momento da minha vida que eu pensei pra mim mesmo no chuveiro:

“Caralho.... deu tudo errado, né?”

Tinha 24 anos e até aquela altura já havia viajado o mundo, já havia sido jogador de futebol americano, muambeiro, analista financeiro, comentarista, apresentador TV e até traficante... e nada havia dado certo.

Por que será, hein?!

Pelo simples fato de eu não estar vivendo meu propósito, tá ligado?!

Quando estava praticamente curado daquela depressão profunda que descrevi no primeiro capítulo, eis que aparece mais uma tempestade.

Num espaço de menos de 2 semanas, fui demitido da ESPN, saí na Folha de São Paulo, virei motivo de chacota nacional, meu time Flamengo Futebol Americano foi eliminado do Torneio Touchdown e eu ainda fui expulso de casa pelo meu próprio pai depois de quase cair na porrada com ele dentro de casa.

Só que essa tempestade não me derrubou.

Muito pelo contrário. Eu saí surpreendentemente mais fortalecido do que nunca.

Se isso aí tivesse acontecido pelo menos uns dois meses antes, eu talvez nem estaria aqui escrevendo esse livro.

Estaria mentindo se eu te disser que nunca tive um pensamento suicida. Talvez seja por isso que passei tanto tempo em terapia ao longo dos anos.

Apesar de não ter casa e não ter emprego, eu estava finalmente bem

comigo mesmo.

Por quê?

Porque eu finalmente aprendi o verdadeiro significado da palavra amor.

Ahhh que bonitinho!

Acho que só o fato de me apaixonar perdidamente por alguém pela primeira vez na vida me fez encarar aquela mega tempestade como uma pequena brisa de fim de tarde.

Plaft!

O engraçado é que meu primeiro amor não tinha quase nada a ver comigo. Aconteceu e pronto.

E se eu te falar que já era namorado dela no plano espiritual muito antes de conhecê-la pessoalmente. Não sei nem como explicar esse tipo de coisa.

Nem ela nem a família dela sabiam o que eu fazia da vida naquela época.

Bom isso era fácil perceber... eu não fazia nada mesmo.

Vou até trazer um versículo da Bíblia para descrever isso aí:

"Árvore que não dá frutos vira lenha" (Mt 7:19)

Minha solução para todo aquele mistério? Me ocupar de algum jeito.

Na época, estava morando na casa dos meus avós maternos em Bonsucesso, bairro de classe média baixa rodeado pelas favelas do Complexo do Alemão e do Complexo da Maré.

Apesar de serem muito mais tranquilos que meus pais, meus avós também viviam criticando o meu sedentarismo.

Então resolvi inventar uma nova profissão para mostrar a minha família e a família da minha nova namorada que eu estava fazendo algo da vida.

Comprei um curso online no Udemy sobre derivativos de bolsa de valores e estudei aquilo a fundo: puts, calls, volatilidade, collars, straddles e outras estratégias complicadas de bolsa de valores.

Daí peguei toda grana que eu havia juntado em Nova York e comecei a operar pela internet.

Acordava bem cedo para acompanhar as notícias das bolsas asiáticas e

europeia e me preparava para comprar e vender moedas, commodities e ações dos países mais variados do mundo.

Eu lia notícias, fazia análise e me posicionava de acordo com o que eu achava que ia acontecer com a economia mundial.

Sempre fui fã de macroeconomia então aquele cassino ali era uma parada que me deixava bem pilhado.

Como os macacos-velhos do mercado financeiro dizem: opção é cemitério de malandro.

O provérbio existe porque a grande maioria dos marinheiros de primeira viagem nesse mundo chega com o pé na porta achando que vai se dar bem.

A verdade é que operar derivativos não é muito diferente de colocar grana na roleta do cassino não.

Vou explicar da maneira mais simples e superficial possível: quando você acerta, você dobra; quando você erra, você perde tudo.

É claro que o negócio é um pouco mais cabeludo que isso mas a ideia é essa mesmo: viver na corda bamba.

Meus avós não tinham a mínima ideia do que eu fazia o dia inteiro na frente daquele computador.

Para eles, eu estava jogando Minecraft que nem meu primo Cauã de 11 anos.

Comecei bem, empurrado por aquele velho princípio da sorte de principiante: cheguei a fazer mais de 10 mil reais em uma única tarde com opções de uma mineradora australiana chamada BHP Billiton.

Daí a cabeça cresceu um pouquinho e eu comecei a arriscar cada vez mais.

Aí eu te apresento o conceito de *Fool's Mate*.

Fool's Mate é uma jogada no xadrez que você consegue dar xeque-mate no teu adversário em apenas três movimentos.

Mas é aquela coisa: só o fato do cara conseguir mandar um *Fool's Mate* não significa que ele é grão-mestre na arte do xadrez e pode ir ali em Moscou e ganhar do Kasparov.

Por causa daquele meu início vencedor, eu realmente achei que aquela humilde casa em Bonsucesso abrigava o melhor *trader de derivativos* do

mundo.

Chupa George Soros e chupa Luis Stuhlberger!

Minhas análises estavam dando certo: a bolsa da China continuava super inflada, as empresas de tecnologia dos Estados Unidos não paravam de subir e tudo que tinha a ver com o Brasil só despencava de valor.

Comecei a ler a revista *The Economist* religiosamente e tive uma ideia que tinha tudo para me fazer milionário em muito pouco tempo.

Resolvi montar uma operação estruturada com futuros de gás natural acreditando no agravamento da instabilidade política entre Rússia e Ucrânia.

Se eu estivesse certo, eu ficaria milionário. Se eu estivesse errado, eu perderia absolutamente tudo que eu tinha.

Deixa eu traduzir essa operação para você: eu queria ganhar dinheiro em cima de uma guerra! Se liga na minha linha de pensamento:

A Europa Ocidental precisava do gás natural russo para aquecer as residências da galera durante o inverno.

Se tiver guerra, a Europa Ocidental vai apoiar a Ucrânia, apesar de ser altamente dependente do gás natural que vem da Rússia.

A maioria dos gasodutos que conectam a Rússia com seus principais mercados consumidores na Europa Ocidental passa pelo território ucraniano.

Se o caldo apertar, o Putin vai fechar a torneira do gás só de sacanagem e a Europa vai ficar sem calefação para o inverno.

Sem aquele precioso gás natural russo para calefação, todo mundo na Europa vai morrer de frio.

De acordo com as previsões meteorológicas, aquele inverno de 2014 estava pintando ser um dos mais frios da história.

A minha conclusão? Vou me encher de opções de gás natural porque o Putin é maluco, vai ter guerra e o preço dessa porra vai subir freneticamente, assim como subiu naquelas guerras doidas do Oriente Médio nos anos 1970.

Não teve guerra, o preço do gás natural despencou junto com o do petróleo

e todas as minhas opções viraram pó.

Depois de mais uma frustração, eu vi um US$0.00 na minha conta bancária e pensei o seguinte:

“Caralho... já fiz tanta coisa na vida e nada deu muito certo. Por que eu não começo a escrever ao invés de adiar, adiar e adiar? “

O engraçado é que eu vi uma entrevista do Paulo Coelho dizendo a mesma coisa.

Só que a crise de identidade dele ocorreu quando ele tinha 38 anos.

Puta que pariu, que merda seria empurrar um sonho com a barriga por 38 anos, hein?! Deus me livre.

Eu estava com 24.

E comecei a escrever meio que por pressão própria.

Pouco tempo depois de trabalhar no mercado financeiro de Nova York e morar em Times Square, eu estava completamente quebrado, morando em área de risco, andando de 696 lotado e não tinha dinheiro nem para levar minha nova namorada para comer uma esfiha no Habib’s do Méier.

Se aquilo ali não fosse um sinal do Universo...

Escreve, Raiam. Escreve.

A partir do dia que eu zerei, passei a pesquisar tudo sobre aquele cara que era parecido comigo e já tinha chegado aonde eu queria chegar.

Isso aí na metodologia da programação neurolinguística (PNL) chama-se modelagem.

Modelagem nada mais é que estudar os hábitos e os comportamentos de pessoas e trazer um pouco daquilo para tua vida pessoal.

Se eu queria ser escritor, comecei a correr atrás de informação não só do Paulo Coelho mas de gente como Stephen King, Elizabeth Gilbert, Tim Ferriss e JK Rowling.

Só os melhores do mundo.

O resultado dos meus estudos foram bem surpreendentes. Todos eles tinham duas grandes características em comum.

Número 1: Ler muito.

Número 2: Escrever muito.

Aí eu cheguei à conclusão que eu só conseguiria sair da inércia através de muita repetição daqueles dois processos.

Eu já me amarrava em ler. Naquele ano de 2014, havia terminado 108 livros, entre livros físicos, audiobooks e e-books.

A grande maioria deles vinha das categorias de negócios e autoajuda.

Depois daquele processo de modelagem, passei a ler um livro por dia e criei o hábito de escrever pelo menos 1.000 palavras no caderno ou no blog.

Não podia ir dormir antes de bater aquela meta diária.

Tudo bem que faltava muita coisa na minha vida mas a PNL me ajudou a enxergar o “copo meio cheio”.

O melhor de tudo? Eu tinha um recurso valiosíssimo nas minhas mãos: o tempo!

Tempo é uma parada que o ser humano dá pouquíssima importância mas, para mim, ele acaba sendo muito mais importante que o dinheiro.

Vou te explicar o porquê: se você usar mal o seu dinheiro, você pode ir lá, trabalhar duro e recuperar aquilo.

Dinheiro é infinito.

Se você usar mal o seu tempo, não tem dinheiro no mundo que possa comprá-lo de volta.

Até que me provem o contrário, nosso tempo nessa Terra tem data de validade.

Aqueles dois hábitos entraram em piloto-automático e é impressionante como as coisas começaram a acontecer.

Como dizia o velho Isaac Newton, um corpo que está se movendo tende a continuar em movimento.

Foi exatamente aquele processo de modelagem e criação de hábitos que me tirou da depressão e deu origem ao meu livro de estreia **Hackeando Tudo: 90 Hábitos Para Mudar O Rumo de Uma Geração**.

Hackeando Tudo nada mais é do que o resultado de muitos e muitos meses

de modelagem.

Cara, eu fiz até questão de frisar bem no início daquele livro que nada ali era original.

Todos os hacks foram copiados e adaptados de outras pessoas bem-sucedidas profissional ou espiritualmente.

O racional era bem simples: elas estavam onde eu queria estar então vou estudar elas.

Eu simplesmente peguei aqueles hábitos, joguei no meu próprio liquidificador e a gororoba acabou funcionando muito bem pra minha vida pessoal.

Se funcionou, ao invés de ficar com aquilo guardado e exclusivo pra mim, eu fui lá e compartilhei com o mundo, tá ligado?

Lembra do cálice do primeiro capítulo? Sim, ele estava finalmente transbordando.

Nesse processo de modelar Paulo Coelho, até peguei uns audiobooks do cara no Audible.

A ideia era estudar as técnicas que ele usava para passar uma mensagem bem profunda da maneira mais simples possível.

Se você parar pra pensar, Paulo Coelho é um verdadeiro economista de palavras. Deve ser por isso que os especialistas em literatura brasileira pegam tanto no pé dele.

Ele mesmo diz que acabou se sofisticando muito e precisava se purificar e focar na essência.

Eu mesmo fico puto quando um escritor leva 20 páginas para explicar algo que pode ser explicado em um parágrafo, tá ligado?!

Nessa modelagem de Paulo Coelho, peguei títulos como Onze Minutos, O Aleph, O Zahir, Às Margens do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei, As Valkirias e Adultério.

Tentei... mas não consegui terminar nenhum deles.

Guarda essa informação que vai ser importante para entender o desfecho dessa história.

Não consegui terminar esses livros não porque o cara escreve mal ou algo

do tipo mas pelo simples fato de se tratarem de obras de ficção.

Eu odeio livros de ficção.

Capítulo 4.
Queimando Navios

Levante sua mão sedenta e recomece a andar
Não pense que a cabeça aguenta se você parar

Nossos pais nos dizem para tomar muito cuidado para não queimar navios.

Vou te falar que um dos maiores erros que cometi na minha juventude foi não ter queimado navios.

Esse conceito de queimar navios vem da época das Grandes Navegações.

No século XVI, um cara chamado Hernán Cortez cruzou o Atlântico e chegou com seus soldados em Veracruz, no atual México.

Antes de sair desbravando o território em busca de ouro, Cortez teve uma decisão bem ousada: mandou queimar todos os navios de sua frota.

Pra que isso, jovem?

Simplesmente para romper todos os vínculos que sua equipe tinha com o passado.

Com os navios queimados, não teria mais volta! Acabou a Espanha, mano!

O racional era o seguinte: ou os soldados davam sangue para sobreviver naquele novo mundo ou literalmente morreriam de saudade.

Não havia mais nenhum jeito de desistir, entrar no barco e voltar pra casa.

No meu caso, eu finalmente havia botado o pé no Novo Mundo e estava trilhando meu próprio caminho.

Havia acabado de publicar o Hackeando Tudo e já estava recebendo as primeiras avaliações positivas de leitores no site da Amazon.

O problema é que eu esqueci de queimar meus navios e mantive os laços com a minha própria Espanha.

Fui almoçar com a namorada em Del Castilho para comemorar o sucesso de vendas do livro e recebi uma ligação de um número privado.

Era um *headhunter*.

Mano, eu já tinha decidido que investiria todas as minhas forças naquela minha vocação de ser escritor e pararia de me auto-boicotar com trabalhos medíocres e mundanos.

Mas *headhunter* é um bicho liso da porra.

Nunca conheci um recrutador que não soubesse conversar e pegar no ponto fraco da pessoa.

O cara do outro lado do telefone me contou que ele estava recrutando para uma vaga de trabalho em um fundo de investimento no Rio de Janeiro.

Meu coração derreteu quando ele disse que estava procurando um cara exatamente com o meu perfil: jovem, energético, bem-conectado e com experiência internacional.

Quando ele falou o salário, eu meio que saltei da cadeira: 10mil reais por mês.

Para quem havia acabado de zerar, 10mil reais por mês era uma grana bem responsa, né?!

Não queimei meus vínculos com o passado e aquele fantasma do mercado financeiro voltou a atazanar minha vida.

Participei do processo seletivo e recebi uma oferta bem menor do que o recrutador tinha sinalizado na primeira conversa.

Sim, eu aceitei um trabalho de escritório no mercado financeiro... por puro medo e amor ao dinheiro.

Isso depois de ter quebrado a cara durante aqueles dois anos que descrevi no meu último livro Wall Street.

Mas e a carreira de escritor, Raiam?!

Tem que ser burro mesmo para cair nessa de novo.

Mano, eu ganhava 40mil reais por mês, morava em Nova York e trabalhava numa senhora empresa. Mesmo assim, eu não era feliz.

Por que diabos eu ia aceitar trabalhar as mesmas 12 horas por dia ganhando 5-6 vezes menos numa empresa totalmente desconhecida e sem credibilidade?!

Medo, meu amigo... medo!

O medo do futuro faz a gente se contentar com pouco, tá ligado?!

Deixei os livros de lado, aluguei um quarto em Ipanema para ficar mais perto do novo trabalho e voltei a ser um mero peão de escritório.

CAPÍTULO 5.
MÃE, SÓ TEM UMA

É o mestre quem escolhe seu discípulo.

Nunca tive uma boa relação com a minha mãe.

Uma das razões que meus pais me levaram para o psiquiatra é que, quando eu tinha meus 12 anos de idade, eu havia puxado uma faca para evitar que minha mãe me batesse.

Era uma faca daquelas que não cortam nem manteiga mas eu realmente ameacei a minha própria mãe com aquilo.

Ao longo dos 10 anos que passei longe de casa, se eu ligava pros meus pais uma vez por mês já era muito.

A verdade é que eu completei um mês no novo escritório e comecei a ficar inquieto com tanta mediocridade na minha vida.

Aí a linguagem dos sinais voltou a agir.

No dia 9 de maio de 2015, eu abro meu Instagram e vejo uma foto em preto e branco de uma jovem mulher de cabelos negros segurando um bebê cabeçudo.

Era o Paulo Coelho homenageando sua falecida mãe.

Daí eu pensei:

"Caramba, esse é o mesmo Paulo Coelho que tinha péssima relação com os pais e que até escreveu música trollando a mediocridade de seu próprio pai"

Falando nisso, dá uma escutada na música Meu Amigo Pedro de Raul Seixas e Paulo Coelho.

Tanto o livro *O Mago* quanto o filme *Não Pare Na Pista* focam muito nas brigas que Paulo tinha com seus pais durante sua juventude.

Decidi comentar na foto mostrando minha surpresa e falando sobre meus próprios problemas de relacionamento com a minha família.

Menos de 10 minutos depois, o próprio Paulo Coelho foi lá e respondeu

meu comentário na foto dele.

Caralho?!

O cara tinha 2 milhões de seguidores no Instagram, 14 milhões no Facebook e mais 20 milhões no Twitter. Nunca que eu esperaria que ele respondesse o meu comentário.

Daí eu lembrei de uma frase meio oculta do filme *Não Pare Na Pista*, dita com o sotaque castelhano do mestre que levou Paulo Coelho a Ordem de RAM:

"É o mestre quem escolhe seu discípulo"

Em meio a tantos e tantos seguidores, o cara tomou o tempo dele para me responder e ainda passou a me seguir no Instagram?

Puta que pariu, hein?!

Mano, eu pulei como se estivesse numa madrugada de 2002 comemorando um gol do Rivaldo nas quartas-de-final contra a Inglaterra.

Como um bom economista de palavras, a mensagem do Paulo foi curta e grossa, assim como seus livros e tweets:

"Liga pra ela agora"

Sabia que ele manjava dos paranauê das magias e da Lei da Atração, então liguei para minha mãe pela primeira vez desde que havia sido expulso de casa.

Desejei Feliz Dia das Mães e ela chorou de soluçar no telefone.

O engraçado é que todo mundo a minha volta havia me dado o mesmo conselho: minha namorada, minha sogra, meus chefes, meus avós, meus estagiários, meu companheiro de apartamento...

Só que meu coração estava duro que nem pedra. Santo de casa não faz milagre, né?!

Por que será que eu só fui me mover depois de uma mensagem de 4 palavras escrita por um cara que eu nem conhecia?!

Minha cabeça movida a dinheiro pensou muito rápido: hora de capitalizar em cima disso.

"Tcharam! O Paulo Coelho segue só 40 perfis no Instagram e o seu é um

deles. É agora que você finalmente vai fechar com uma editora e se tornar um grande escritor, Raiam!"

Acabou que não deu em nada.

Mas a partir daquele momento, eu decidi escrever mais uma linha na cartolina de objetivos que ficava na parede do meu quarto:

"Conhecer o Paulo Coelho pessoalmente até o dia 31 de dezembro de 2015"

Tinha pouco mais de 8 meses para cumprir aquela missão.

Na minha cabeça, aquilo seria uma tarefa relativamente fácil.

Isso porque Paulo tinha um apartamento no Rio que ficava a uns 5 minutos da minha nova casa em Ipanema.

Era só acompanhar o Instagram dele e esperar ele fazer check-in no Rio.

Capítulo 6.
Tentei Ser Normal

O segredo de qualquer conquista é saber o que fazer com ela

Como bem diz o título desse capítulo, tentei ser normal... e não deu muito certo não.

Como assim normal, Raiam?

Trabalho de 9 às 6, carteira assinada, estabilidade, vale refeição, plano de saúde, relacionamento duradouro, casa fixa, rotina.

Mano, a pior coisa do mundo é passar a semana pensando na sexta-feira e passar o ano pensando nas férias.

Se você é um desses, tenho péssimas notícias para te dar. Você não vive o seu presente e está apenas contando as horas para morrer.

Eu não preciso ser normal, cara. Na real, eu não nasci para ser normal.

Agora para pra pensar.

Estava com 24 anos e havia realizado a grande maioria dos meus sonhos até ali.

Ganhava muito mais do que a grande maioria das pessoas da minha idade e estava ao lado da mulher que tanto havia sonhado.

Fora isso, morava num bairro ultra-nobre do Rio de Janeiro.

Meu apartamento tinha uma vista sensacional para a Lagoa Rodrigo de Freitas, para o canal de Jardim de Alah e para a Praia do Leblon.

E o melhor de tudo: acordava cedo toda manhã para jogar futevôlei antes de ir trabalhar.

Putz... essa é a vida dos sonhos de muita gente mundo afora.

Mas tinha alguma coisa errada comigo. Meu coração estava muito apertado.

Apesar de estar numa situação muito boa, minha vida estava muito

convencional e muito medíocre, tá ligado?!

A pessoa que nasceu para ser maluca se ferra quando acaba levando uma vida normal. Maluco e normal são duas palavras que não podem estar na mesma frase.

Nessa época, eu vi uma entrevista do Paulo Coelho com a Oprah Winfrey no canal da OWN (Oprah Winfrey Network) no YouTube.

O cara parece que tirou palavras da minha boca.

Em meados dos anos 1980, Paulo tinha dinheiro, tinha um excelente trabalho numa gravadora, estava casado com o amor de sua vida... mas, segundo ele, estava tudo uma merda.

Ele não estava feliz.

O que ele fez para mudar aquela situação?

Pegou a grana que ele tinha guardado, pediu demissão e foi viajar o mundo para procurar o significado de sua vida.

Porra... ele tinha quase 40 anos na cara.

Acabou dando certo.

Conheceu seu mestre, fez o Caminho de Santiago, voltou da viagem inspirado, sentou a bunda na cadeira e finalmente escreveu seu primeiro livro O Diário de Um Mago.

Como diz Paulo Coelho, a única obrigação do ser humano é descobrir sua Lenda Pessoal. Ponto final, cara.

Quer dizer... descobrir a Lenda Pessoal e honrá-la. Honrar a lenda pessoal faz total diferença no processo, tá ligado?!

Mas aí, Raiam? Que porra é essa de Lenda Pessoal?

Lenda Pessoal é a resposta da seguinte pergunta: te botaram nesse mundo para fazer o quê?

Minha lenda pessoal estava muito longe daquela vidinha de playboy de escritório que eu levava.

A verdade é que nem nos meus sonhos mais otimistas eu esperava a recepção que meu primeiro livro Hackeando Tudo no mercado digital brasileiro.

Na real, eu havia escrito o livro só para testar a demanda e aprender a usar a ferramenta do Amazon para escritores independentes, o *Kindle Direct Publishing*.

O Hackeando Tudo seria um ensaio para obras maiores que ainda estavam por vir, começando pelo Imigrante Ilegal (que eu acabei não escrevendo ainda).

Só que o negócio viralizou muito rápido e acabou vendendo milhares e milhares de cópias na internet.

Sorte de principiante? Um pouco.

Primeiro livro: boom! Um dos títulos mais vendidos da internet brasileira no ano de 2015, campeão de avaliações no Amazon e um dos audiolivros que mais receberam plays na história da plataforma Ubook.

Acabei realizando meu sonho de viver de livros mais rápido do que eu esperava.

Na real, meu sonho naquela época era ser um escritor best-seller.

Só que eu caí no mesmo erro que eu havia caído quando tinha 7 anos de idade: não especificar bem o sonho.

Antes de me apaixonar pelo universo dos livros, eu queria porque queria ser jogador da Seleção Brasileira.

Aquela geração de Ronaldo, Rivaldo e Romário foi com certeza um dos grandes catalisadores.

Daí eu coloquei na minha cabeça que queria ser jogador da Seleção e mentalizei aquilo bem forte durante alguns anos.

O Universo me deu aquele sonho de presente.

Mas, por não haver sido específico nas minhas mentalizações, acabei na seleção brasileira do futebol errado... o futebol americano.

O lance do best-seller foi muito parecido.

Não quero tirar o meu próprio mérito nem o mérito da plataforma mas ser best-seller no Amazon Brasil é um pouco mais tranquilo do que estar no top-10 da Revista Veja ou do New York Times, por exemplo.

A verdade é que eu fiquei com um medo enorme de escrever.

Especialmente depois que meu segundo livro, o *travel book Ousadia: Como Conquistar o Mundo Ainda Jovem* foi um fracasso de vendas no Amazon.

Vou te contar um segredo: eu escrevi o Ousadia com o cálice vazio.

Minha maior insegurança era a seguinte:

“Será mesmo que eu sou um one-hit wonder”

Ao invés de alçar voos mais altos, preferi me agarrar àquilo que já tinha.

Aí é aquela velha história: quem foca na escassez, acaba atraindo a escassez.

Outra grande razão que bloqueava minha capacidade de criar era o fator-escritório.

Primeiro que eu chegava em casa totalmente esgotado e sem energia criativa.

Fora isso sabia que, se usasse o blog ou um novo livro para escrever com o meu coração, correria o risco de perder meu emprego e toda aquela vida mansa que ele me proporcionava.

O mercado financeiro é um business muito sensível a informações. Uma simples frase escrita por um insider como eu podia significar milhões e milhões para os investimentos da empresa.

Mano, a pior coisa para o escritor é escrever com medo.

Se o cara senta para escrever e fica pensando no que a família ou no que os chefes vão achar daquilo, fudeu! Melhor nem escrever e voltar marretar números em planilhas do Excel.

Quando a grana do Amazon e do Ubook começou a entrar, pedi demissão do emprego e resolvi bater de frente com meu maior medo até aquele momento.

Depois do trauma de ir do milhão ao zero com 24 anos, meu maior medo era ficar pobre de novo.

Depois que me libertei da vida de funcionário e comecei a correr atrás do meu próprio peixe, meu maior medo passou a ser outro: perder o grande amor da minha vida.

Com a nova rotina independente e empreendedora, eu virei um

workaholic. Afinal, não tinha grana pingando automaticamente todo dia 5, né?

Quando você foca sua energia no seu medo, ele acaba acontecendo.

Acabei me distanciando física e emocionalmente da namorada e o meu medo acabou se tornando realidade.

Numa tarde quente de dezembro, a mulher que mudou a minha vida e que eu acreditava que seria a mãe dos meus filhos apareceu lá em casa e pediu um tempo.

Mais uma rejeição para o currículo.

E agora?

Capítulo 7.
Agindo por Impulso

Que as minhas lágrimas corram assim para bem longe, para que meu amor nunca saiba que um dia chorei por ele

Mudei para São Paulo para dar um restart na minha cabeça.

A ideia era a seguinte: eu já era livre, não tinha nada mais me prendendo ao Rio de Janeiro e achei que era hora de tocar o terror na cidade das oportunidades.

Depois de tomar aquele pé na bunda do grande amor da minha vida, eu realmente já não aguentava mais morar onde eu morava.

Isso porque tudo a minha volta me fazia pensar nela, tá ligado?

O Hotel Caesar onde a gente tomava café, a Livraria da Travessa da Rua Visconde de Pirajá e até meu querido e amado futevôlei me botavam pra baixo, tá ligado?

Toda vez que eu sinto uma aflição dessa, meu instinto nômade me avisa que é hora de ir para outro lugar.

Avisei ao proprietário do apartamento que entregaria as chaves no dia 31 de dezembro e decidi morar com uns amigos malucos em São Paulo.

A mudança de ares me fez muito bem.

Além de conseguir esfriar um pouco a cabeça, meu faturamento aumentou pra caramba e eu estava finalmente produtivo o suficiente para desenvolver a narrativa do meu terceiro livro Wall Street.

Depois da péssima experiência no fundo de investimento, estava decidido que aquele livro seria o grande queimador de navios da minha vida.

O novo apartamento ficava num prédio chique no bairro do Morumbi, um lugar meio afastado daquele fervo típico da maior metrópole do Brasil.

Esse isolamento me ajudou pra caramba pois eu não tinha muitas distrações e conseguia estruturar minha rotina de hábitos.

Acordava, me exercitava, lia a Bíblia e escrevia.

Daí descia para comer um prato-feito em Paraisópolis, favela paulista que fica exatamente do outro lado da rua dos condomínios nobres do Morumbi.

Na volta, tirava uma soneca e voltava a escrever até altas horas, sempre com uma garrafa de vinho Sangue de Boi do lado.

Repeat. Repeat. Repeat.

No meio daquele processo de criação, eis que me aparece uma promoção no Facebook:

“KLM traz passagens baratas para a Europa inteira para viajar no Carnaval.”

Mano, na primeira semana em São Paulo já tinha fechado duas palestras, vendido centenas de livros e faturado mais do que eu faturava em um mês dentro daquela zona de conforto chamada Rio de Janeiro.

Pela primeira vez em um bom tempo, dinheiro já não era o maior dos problemas.

Como eu falei ali em cima, acredito muito na linguagem dos sinais e aquele anúncio da companhia aérea holandesa KLM era o sinal que eu estava esperando.

Cliquei na parada para ver quais cidades estavam participando da promoção.

Minhas expectativas eram bem baixas, para te falar a verdade.

Já cliquei em muitos links parecidos e a grande maioria das promoções era para voos diretos de Guarulhos para cidades “primárias” da Europa como Madrid, Londres, Lisboa e Paris.

Dessa vez, Genebra estava no bolo.

Ahhh negão....

Cara, eu queria conhecer o Paulo Coelho pessoalmente.

Daí eu lembrei do histórico de frustrações da minha querida mãe com relação a seus “ídolos”.

Nos anos 1970, minha mãe tinha o sonho de ver um show ao vivo da Elis Regina.

Teve oportunidade mas não acabou não indo. A Elis Regina morreu um tempinho depois.

Nos anos 1980, ela queria ver um show ao vivo do Gonzaguinha.

Teve oportunidade mas ele morreu antes.

Nos anos 1990, ela queria ver um show ao vivo da Cássia Eller.

Cássia também morreu antes que minha mãe pudesse vê-la ao vivo.

Eu tive uma situação parecida com meu cantor favorito Michael Jackson.

Comprei passagem para Londres para assistir a turnê *This Is It* no O2 Arena. Duas semanas antes daquele tão esperado show, o cara vai lá e decide morrer...

Nessa mesma pegada aí, o próprio Paulo Coelho fala abertamente que o maior arrependimento de sua vida foi não ter conhecido o Nelson Mandela pessoalmente, apesar de ter tido a chance de fazê-lo.

Coloquei toda aquela informação no meu liquidificador cerebral e cheguei à seguinte conclusão:

"Pô, o cara tá bem velhinho né?! Vai que ele morre antes de eu conseguir cumprir essa missão?!"

Tenho que ir agora! Passei o ano de 2015 inteiro esperando que ele viajasse para o Rio mas o cara não arredou pé da Suíça.

Desde que eu me dou por gente, meus pais sempre manifestaram sua vontade de completar o Caminho de Santiago de Compostela, principal pano de fundo do filme que mudou a minha vida.

Já se passaram 26 anos e pergunta se eles moveram uma palha pra isso?!

À medida que eu fui preenchendo o formulário do site de passagens, a insegurança foi só aumentando.

Tá ligado quando você vai tomar uma grande decisão e, alguns segundos antes, aquele diabinho na tua cabeça fica te atazanando com várias objeções?

"E se o Paulo Coelho estiver viajando?"

"A Suíça é o país mais caro do mundo. Será que vale a pena gastar toda essa grana para conhecer um velho maluco que nem sabe que você

existe?”

“Como é que você vai chegar até o cara? Ele tem centenas de milhões de leitores. Será que ele vai ter tempo de te receber?”

Vale lembrar que tive uma oportunidade muito parecida no mês de novembro.

As passagens para Genebra estavam até mais baratas mas eu acabei desistindo por causa do tal diabinho das objeções.

Nesse caso, as objeções vieram de fora.

Isso porque eu inventei de pedir opinião à minha mãe, à minha sogra e à namorada sobre aquela tão sonhada viagem à Suíça.

As três eram misteriosamente muito parecidas entre si... dava até medo.

Tudo bem que a sogra e a namorada tinham laços genéticos mas até hoje eu não sei porque as duas tinham tanto em comum com a personalidade da minha mãe.

Um dia eu consulto uma astróloga pra ver se isso tem a ver com horóscopo ou algo do tipo.

Acabou que as três focaram no “fator-incerteza” e meio que cortaram meu barato.

Resultado: acabei jogando a toalha e empurrando a missão com a barriga.

Sim, aquela cartolina com os objetivos de 2015 acabou incompleta.

Dessa vez, fiz questão de não compartilhar aquela minha vontade com ninguém.

Preenchi o formulário inteiro, parcelei a passagem em 5 vezes no cartão de crédito e apertei o botãozinho “SUBMIT”.

Agora não tinha mais volta.

Acabei matando dois coelhos em uma tacada só.

Além de comprar a passagem para Genebra, coloquei um “hard deadline” para publicar aquele livro que literalmente estava me tirando o sono.

A passagem estava marcada para a noite do dia 1º de fevereiro de 2015.

No meu subconsciente, aquilo significava que teria que publicar o Wall

Street até o dia 1º de fevereiro.

Isso sim é criar um senso de urgência.

Com a compra executada, virei um *stalker* em modo-hard. Afinal, não queria jogar aquela grana fora, né?!

Minha arma principal chamava-se Instagram.

Comecei a comentar em toda foto do Paulo Coelho e de sua esposa Christina Oiticica que estava vindo para Genebra no dia 2 de fevereiro e que queria conhecê-los pessoalmente.

Fui totalmente ignorado.

Um dos malucos lá do apartamento de São Paulo tinha raízes na umbanda e havia estudado um pouco de magia negra na adolescência.

Ele deu uma pesquisada no background espiritual do Paulo Coelho e concluiu que os dois eram guiados pelo mesmo orixá.

Sou de Cristo e nunca acreditei muito nessas coisas aí, tá ligado?

Só que meu amigo maluco teve uma ideia bem mirabolante e eu confiei nele:

"Raiam, tira uma foto com essa imagem, posta no Instagram e marca o Paulo Coelho. Vem na minha, vai funcionar!"

Tirei a foto segurando a escultura de uma santa católica de pele negra e postei no Instagram com a seguinte legenda.

"Paulo Coelho, deixa de ser cuzão"

Por algum motivo, aquela foto chacoalhou o mago.

Resultado: ele comentou a foto com um endereço de e-mail meio que criptografado e voltou a me seguir no Instagram.

O e-mail tinha um nome feminino: Pilar Piedra.

Primeiro, eu pensei que Pilar Piedra era uma de suas assessoras na Espanha ou algo do tipo.

Depois de uns 5 minutos quebrando a cabeça, matei a charada rapidinho: o nome feminino do e-mail era de uma das principais personagens de seus livros.

Sim senhores! Pilar é a personagem principal do livro *Às Margens do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei*.

Santa matemática!

Pilar + Rio Piedra = Pilar Piedra

Cataplei! Aquele devia ser o e-mail pessoal de Paulo Coelho.

Quando cheguei àquela conclusão, abri o Gmail e mandei a seguinte mensagem:

DE: *Raiam Santos*
PARA: *Pilar Piedra*
ASSUNTO: *Mensagem de um negão do oriente*

Salve Paulo,

Aqui quem fala é Raiam dos Santos.

Ex-jogador de futebol americano, comentarista, escritor e palestrante motivacional. Bom, tudo isso são só rótulos que as pessoas colocam em mim.

Estou motivado a seguir em frente no meu sonho de passar uma mensagem para essa sociedade que hoje parece estar ***hipnotizada*** *e* ***dormindo*** *diante de tantos milagres e eventos que estão acontecendo no planeta Terra.*

Tô indo para Suíça no dia 2 com a missão de conseguir conversar pessoalmente com você.

Ficarei até o dia 8 em Genebra porém estou disposto a comprar passagem para qualquer país dentro dessa data para te encontrar.

Poderia fazer o favor de perder algum tempo da sua vida com um jovem de 25 anos que está caminhando por um longo caminho de rejeição social por falar a verdade o tempo todo com a fé no Mestre Jesus Cristo?

Se for possível, me avise o país, data e hora.

Estarei lá.
Valeu!

Raiam dos Santos.
Um maluco negão que não gosta de vitimismo.

Dois dias depois, eu recebo um reply do mago dizendo que aquele encontro seria “meio complicado” e que o ideal seria no final de abril.

Fudeu!

A merda estava feita! Já estava tarde demais para desistir...

CAPÍTULO 8.
MADE IN CEARÁ

A cada novo dia, a cada momento, temos a nossa disposição a maravilhosa possibilidade do encontro, que traz em si infinitas oportunidades. Precisamos apenas estar atentos

Quando soltei no meu perfil do Facebook que estava a caminho de Genebra, um amigo meu das antigas me mandou um inbox sugerindo que eu acampasse no sofá dele para economizar a grana da estadia.

Que maravilha!

Havia acabado de reservar um beliche no albergue mais pé-sujo da cidade pela bagatela de 80 dólares por noite.

Sente a pressão!

Para você ter uma ideia, uma cama de albergue num lugar top como Barcelona não custa muito mais que 15 dólares.

Mano com 80 dólares por noite na grande maioria das cidades da América Latina, eu pego o hotel 5 estrelas mais pica da cidade.

Suíça é Suíça, mano!

Um sofá amigo era tudo o que eu estava precisando naquela altura do campeonato. Mesmo antes de voar para Genebra, já concluí que meu orçamento tinha que ser duas ou três vezes maior que o planejado.

O engraçado é que o cara que me convidou nem era meu amigo direito.

Na real, só tinha visto ele 2 vezes em toda minha vida.

Mas a vida é assim mesmo.

Li no livro *Never Eat Alone* do Keith Ferrazzi que as conexões que nos levam mais longe não são aquelas que estão próximas da gente e sim os chamados “*weak-ties*”.

Mas aí Raiam, o que são os *weak-ties*?

Esses “laços fracos” são amigos de amigos que nos conheceram uma ou duas vezes, criaram uma boa imagem da gente e anos depois apareceram na hora certa e no lugar certo.

Tanto o Keith Ferrazzi quanto o Malcolm Gladwell, escritor de *Outliers: Foras de Série* e *Ponto de Virada*, batem na tecla da importância dos *weak-ties* na hora de fechar negócios e conseguir emprego.

Minha amizade com o cearense Andrey foi exatamente assim.

Um pouco antes da minha formatura lá na Universidade da Pennsylvania, eu resolvi meter o pé pra Ibiza para participar da Semana Erasmus.

Semana Erasmus é um evento de 5 dias que reúne estudantes de intercâmbio da Europa inteira na ilha mais festeira do mundo.

Tinha 21 anos e havia passado a segunda metade da minha carreira universitária “brincando” de bolsa de valores e tinha conseguido guardar uma grana legal para ser queimada no exterior.

O negócio lá em Ibiza foi tão brabo que eu dediquei um capítulo inteiro do meu segundo livro **Ousadia: Como Conquistar o Mundo Ainda Jovem** só para essa história.

Conheci uma galera bem top lá e acabei colando com um grupo de brasileiros que fazia intercâmbio em Barcelona e também estava participando daquela viagem anual de putaria dos universitários europeus.

O Andrey era um dos 6 brasileiros do meu bonde.

A gente trocou uma ideia federal porque ele estudava economia e seu sonho era trabalhar num grande banco de investimento de Nova York.

Eu tinha acabado de assinar com o Citigroup em Wall Street e meio que guiei o Andrey por todo processo de recrutamento.

A verdade é que eu conversei muito pouco com o ele lá em Ibiza. Afinal, estava muito mais focado na mulherada gringa do que no networking, né?!

Apesar disso, notei que o moleque tinha muito sangue no olho e queria aquilo muito mais do que eu, tá ligado?!

Contei lá no outro livro Wall Street que acabei caindo no mercado financeiro meio que pelo “Efeito Maria Vai Com as Outras” e pela grana.

Pô, são poucas profissões no mundo que pagam 100mil dólares por ano

para nego de 21 anos sem experiência de trabalho, né?!

O Andrey estava no penúltimo ano de faculdade e parecia que havia passado os últimos 10 anos só se preparando para conseguir um emprego no mercado financeiro.

Entre uma cerveja e outra, trocamos uma ideia bem high-level sobre recrutamento, CFA, equity research, investment banking, bônus, currículo, Nova York e técnicas de entrevista.

O mindset dele ficou mais ou menos assim: se esse maluco aqui é brasileiro que nem eu e conseguiu, eu consigo também.

Mantivemos o contato pelo Facebook e eu até prestei uma mini-consultoria para ele uns meses depois.

Ele estava participando de vários processos seletivos nos Estados Unidos e na Europa, eu ajudei a reescrever o currículo dele e o encaminhei uns contatos meus do mercado financeiro lá em Nova York.

O Brasil era o país da moda no mercado financeiro mundial e vários bancos de investimento estavam procurando mão de obra qualificada que falasse português e manjasse de modelagem financeira pelo Excel.

Agora aperta o botão FF e avança essa história uns 6 anos para frente.

Aquele garoto que me pediu conselhos lá em Ibiza virou um mega investment banker do Union Bank of Switzerland, morando em Genebra e com a carreira muito bem encaminhada.

Mano, que orgulho da porra!

O Andrey é o tipo do cara que comeu o pão que o diabo amassou e venceu na vida. Tipo do cara que eu tiro o chapéu e faço questão de dizer ao mundo que é meu amigo.

Trabalhar duro deve ser coisa de cearense, né?

O moleque saiu lá dos cafundós do Ceará, imigrou pros Estados Unidos, conseguiu bolsa para estudar na Finlândia, passou na dificílima prova do CFA, botou a cara no trabalho e se deu muito bem em sua profissão antes de completar 30 anos.

Conheço um outro cearense com essa pegada aí.

Meu avô Gonçalo saiu do sertão do Ceará num caminhão pau-de-arara e

conseguiu construir sua vida, sua casa e sua família no Rio de Janeiro.

Máximo respeito pelos dois.

Bom, chega de puxa-saquismo. O Andrey me ofereceu o sofá do apartamento dele e eu retruquei.

Retruquei porque já tinha feito o depósito do albergue *City Hostel Geneva* e também porque odeio atrapalhar a rotina das pessoas.

Recebi muito convidado no sofá lá de casa e já adianto que eu sou o pior anfitrião do mundo. A verdade é que eu odeio quando tem gente invadindo meu espaço. Filho único é foda, né?!

O Andrey insistiu um pouquinho mais dizendo que a cidade era extremamente cara e qualquer mini-economia faria uma diferença enorme no meu orçamento.

Nesse momento, clicou um hack que havia aprendido no livro *Segredos da Mente Milionária* de T. Harv Eker: aprender a receber.

Já parou pra pensar que nosso ego é pré-programado a recusar ajudas?

Todo mundo já deve ter passado por isso pelo menos uma vez na vida. O teu amigo se oferece para pagar a conta do restaurante e você diz:

“Não, deixa comigo.”

O livro do T. Harv Eker simplesmente diz: aprenda a receber.

Se alguém quiser te dar algo de presente, aceite!

Pus o hack em prática!

Ao invés de gastar quase 600 dólares por 7 dias dormindo em beliche e cagando em banheiro coletivo no City Hostel Geneva, acamparia de graça na sala de estar do meu amigo Andrey no bairro chique de *Eaux Vives*, às margens do belíssimo Lago Léman, também conhecido como Lago Genebra.

Na real, morri na grana do depósito que havia feito no hostel mas tá tranquilo e favorável: há poucas coisas melhores no mundo do que falar português no exterior e trocar experiências com algum brasileiro que mora fora e tem uma visão de mundo diferente da sua.

CAPÍTULO 9.
AMSTERDAM

É justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante

Chegou o dia!

Apertei o botão “submit”, subi o livro Wall Street para a plataforma do Amazon, queimei meus navios com meu passado no mercado financeiro e meti o pé para o novo terminal internacional do aeroporto de Guarulhos.

O voo da KLM estava lotado e tinha uma fila enorme para o embarque.

Ao invés de ficar esperando em pé, abri o laptop para checar o status do lançamento do livro Wall Street na internet.

O Amazon geralmente leva 48 horas para analisar se uma obra tá pronta para o mundo. O Wall Street subiu em tempo recorde e já estava vendendo menos de 4 horas depois do upload.

Guarulhos – Amsterdam é um voo longo da porra.

E com toda aquela ansiedade que eu estava de encontrar meu ídolo Paulo Coelho, eu não conseguia nem dormir.

Tenho uns remédios de rinite alérgica que, por um motivo ou outro, me botam pra chapar num toque de mágica.

Só que eles não funcionaram dessa vez.

Acabou que eu passei metade do voo conversando sobre minha carreira literária com a tiazona que sentou do meu lado e a outra metade assistindo filmes no sistema de entretenimento de bordo da KLM.

Meu filme favorito chama-se *Straight Outta Compton: The Story of NWA.*

Pimba! A KLM tinha o filme no catálogo e eu apertei o play sem pensar.

Aquela era pelo menos a quarta vez que eu assistia aquela obra prima do cinema afro-americano.

Para quem não conhece, *Straight Outta Compton* é a cinebiografia do

grupo americano de hip hop NWA, sigla para *Niggas with Attitude*.

Nunca ouviu falar? Esse foi o grupo que revelou talentos da música negra americana como Dr. Dre, Ice Cube e Eazy-E.

West Coast, motherfucker!

A história dos caras é carregada de Lenda Pessoal e resiliência e me remete muito a minha juventude inserido numa comunidade negra no sul da Califórnia.

Estou há um tempão para escrever um livro sobre racismo e essa experiência com os gangstas da Califórnia mas a vontade de escrever sobre essa saga para encontrar o Paulo Coelho falou bem mais alto.

Ihh ... perdi o foco, né?

O AirBus da KLM aterrissou no aeroporto de Schipol, peguei minha mochila e meti o pé do avião.

Lembra daquele capítulo que eu enumerei uma série de coincidências entre a minha história e a trajetória do maluco que dá nome a esse livro?

Pisei em Amsterdam e lembrei de um ponto chave de sua biografia.

O estopim para ele decidir fazer a peregrinação pelo Caminho de Santiago em 1986 foi um encontro surpresa que Paulo teve com seu mestre da ordem R.A.M, uma ramificação da igreja católica.

Adivinha em que cidade do mundo foi esse encontro?

Aí eu me questiono: como é que eu fui parar em Amsterdam?

Mano, há pelo menos umas 30 de maneiras de sair de São Paulo e chegar em Genebra de avião.

Air France com conexão em Paris...

British Airways com conexão em Londres...

TAP com conexão em Lisboa e mais uma penca de companhias aéreas europeias.

Não pensei nisso na hora que passei o cartão mas meu voo para a Suíça passou pela mesma Amsterdam que havia sido o ponto de partida da nova vida do mago Paulo Coelho exatamente 30 anos antes.

Seria esse outro sinal dos céus?

Assim como eu, Paulo fez o Caminho de Santiago depois de muita vacilação, procrastinação e medo e só conseguiu se chacoalhar depois de um encontro espiritual em Amsterdam.

O voo para Genebra só sairia à noite então eu tinha um dia inteiro para explorar os canais e vielas da capital holandesa.

Peguei o trem do aeroporto para a belíssima *Amsterdam Centraal Station* e tomei um grande tapa na cara da mãe natureza: eu realmente não estava bem-preparado para o frio que estava fazendo ali..

Só tinha a camisa do corpo e um suéter fino por cima.

O sobretudo tinha sido despachado junto com a mala e eu só ia ver a cara dele quando chegasse em Genebra dali a 12 horas.

Na real, fui enganado pela previsão do tempo.

De acordo com o serviço do iPhone, ia fazer um frio de 10 graus em Amsterdã.

Pô, para um cara que morou 6 anos na East Coast dos Estados Unidos, 10 graus é fichinha.

Só que, com o vento que estava batendo em Amsterdam, o negócio ficou bem mais sério e meus planos de fazer *walking tours* pela capital holandesa foram por água abaixo.

Na real, podia muito bem comprar um casacão e continuar com as minhas caminhadas mas eu mendiguei legal.

Saí da *Amsterdam Centraal Station* e andei em linha reta em direção ao Museu Van Gogh.

Não aguentei nem 20 minutos de turismo-pedestre e encontrei abrigo num coffee shop entre o De Wallen e a Universidade de Amsterdam.

Para quem não conhece, De Wallen é o nome original para o Distrito da Luz Vermelha, bairro onde ficam as famosas janelinhas das prostitutas que são símbolo da capital holandesa.

Vou te explicar como funciona o negócio. Toda janelinha tem uma luz vermelha de neon na parte de cima.

Mesmo durante o dia, se a luz vermelha acima da janelinha estiver acesa, significa que tem alguém “trabalhando” ali.

Uma das coisas mais divertidas do mundo é sentar na janela de um coffee shop do De Wallen e observar o tráfego de clientes nas janelinhas vizinhas. Tem nego que não aguenta nem 2 minutos lá dentro.

A ideia era usar o WiFi para acompanhar o primeiro dia de vendas do meu recém-lançado livro Wall Street.

Só que, para usar o WiFi, o cliente tinha que consumir algo no bar.

Amsterdam.... Coffee Shop... Friozinho.... tá pensando no que eu tô pensando?

A tarde passou muito rápido e, antes do sol se por, já estava de volta no terminal de Schipol para a última perna da minha jornada.

Já fazia mais de 24 horas que estava longe de casa e o cecê debaixo do sovaco estava começando a me atrapalhar... e atrapalhar as pessoas a minha volta, of course.

Cheguei no aeroporto de Genebra, peguei o trem até a estação de *Cornavin* e me dirigi a mini-rodoviária do outro lado da rua para pegar o ônibus #5 até *Eaux Vives*.

Segundo o Google Maps, esse ônibus levaria 6 minutos para me deixar exatamente em frente ao cafofo do meu parça Andrey na *Route de Frontenex*.

Um pouco antes da uma da manhã, lá estava eu no apartamento do meu velho amigo cearense com cara de sonâmbulo.

Já comecei avacalhando e atrasando a vida do cara, né?!

O voo da KLM atrasou e eu cheguei lá duas horas mais tarde do que havia combinado. Não tinha como avisar porque não tinha internet no celular né?!

O cara tinha que acordar às 6 da manhã para trabalhar.

Capítulo 10.
Onze Minutos

Uma peregrinação, mesmo que você ande rápido, ela te desacelera

Acordei na manhã seguinte com uma belíssima vista dos Alpes Suíços e comecei minha missão caminhando em direção ao centro de Genebra.

Desci o ladeirão de *Eaux Vives* até o lago e fui tirar umas selfies em frente ao enorme e descomunal *Jet d'Eau.*

Turista é foda, né?

O *Jet D'Eau* é um jato d'água fincado no meio do Lago Léman que tem tudo para ser a principal atração turística daquela cidade xoxa e cinzenta nos alpes suíços.

Sabe aquele complexo de vira-lata que o brasileiro tem?

Mano, quanto mais eu viajo pelo mundo, mais eu sinto saudade do Brasil e mais eu me encho de gratidão por morar por aqui.

Papo reto: as pessoas têm essa impressão de que tudo do lado de lá do oceano é mais bonito, mais seguro e melhor.

Cara, eu dei graças a Deus por não ser morador de Genebra.

A impressão que eu tive durante aquela curta caminhada da *Route de Frontenex* até o Lago Léman era de que ninguém era feliz naquela porra de lugar.

Todo mundo com cara enfezada e linguagem corporal bem fechada. Era aquela atitude robotizada do povo nova-iorquino a caminho do trabalho em *Midtown*.

Pensa naquilo e joga uma pitadinha extra de glamour e sofisticação. Afinal, Suíça é Suíça, né?!

Uma das razões que eu me espelhava tanto no Paulo Coelho é que eu também queria colocar meu boi na sombra na Suíça depois de ficar bem rico com as vendas dos meus livros.

Aquela ideia rodou em menos de meia hora. Do jeito que eu sou, eu iria morrer de tédio morando naquele buraco ali.

Depois da rápida sessão de selfies em frente aquele jato de 30 metros de altura, caminhei em direção a ponte *Mont Blanc* e cruzei o lago para o centro da cidade.

Na real, não sei muito bem se aquilo era realmente o centro de Genebra. Só cheguei a essa conclusão porque ali era o bairro da estação de *Cornavin*.

Ué, Raiam? O que uma coisa tem a ver com a outra?

Cara, na grande maioria das cidades europeias que eu conheço, a estação principal de trens internacionais fica bem no centro da cidade, geralmente perto de uma catedral.

Por que começar minha jornada por lá?

É que tem um livro do próprio Paulo Coelho que se passa nesse bairro.

O nome da obra é Onze Minutos e conta a história de uma prostituta brasileira que trabalha no submundo de Genebra.

Não sei o que me deu na cabeça mas a ideia inicial era partir pro Distrito da Luz Vermelha de Genebra para recolher pistas no melhor estilo detetive-stalker.

Saía perguntando na rua sobre o Paulo Coelho mas ninguém me dava moral.

Não sei se foi pelo meu francês quebrado ou porque eles realmente nunca tinham ouvido falar no cara.

Mas uma coisa era certa: o suíço é um povo muito reservado. Ô gente fechada e desconfiada!

Apesar de ter economizado uma graninha legal com a estadia no albergue, eu estava com a grana bem contada.

Na real, eu não esperava que Genebra fosse uma cidade tão cara para se passear.

Sim, minhas pesquisas acusavam que aquela charmosa cidade aos pés dos alpes suíços era a 3ª cidade mais cara do mundo mas eu realmente não levei muita fé nem nas pesquisas e nem no Andrey.

Isso porque eu passei a minha vida “hackeando” viagens e rodando pelo mundo com o orçamento bem apertado.

Quebrei a cara.

Vou te dar o exemplo do McDonald’s.

Quando eu viajo e quero economizar grana de comida, eu geralmente procuro um McDonald’s.

Ali não tem erro: tem carboidrato, proteína e açúcar suficiente para encher a barriga e aguentar um dia inteiro de turismo.

A melhor parte do McDonald’s é que não tem muita surpresa. O gosto do hambúrguer é o mesmo em qualquer pico do mundo.

E se eu te falar que um lanche no McDonald’s da Suíça custava o equivalente a 60 reais?

E papo reto: a McOferta do Big Mac foi o almoço mais barato que eu encontrei na cidade.

Quem converte não se diverte!

No bairro do livro Onze Minutos, resolvi parar num supermercado chamado Migros para tomar café da manhã, usar o WiFi e mapear meu plano de ação para aquele dia.

Pedi um croissant, um café e a senha do Wifi. Conta: 10 francos.

Multiplica por 4 e você tem o resultado em reais. Sim, senhores! Paguei 40 reais por um pedaço de pão e um cafezinho.

E o pior de tudo foi que o WiFi não funcionou.

Isso porque os WiFi’s públicos das Suíça eram distribuídos pela operadora local de celulares.

Para ter WiFi grátis, você precisava colocar seu número de telefone que eles te mandariam um SMS com a senha para ativar 40 minutos de uso.

Só que meu telefone estava em modo avião.

Para quem não manja do assunto, se você viajar e não colocar seu telefone no modo avião, você corre o risco de pagar uma infinidade de taxas de *roaming* internacional.

Aprendi isso na dor quando era moleque.

Como eu descrevi nos meus últimos dois livros Ousadia e Wall Street, eu vivia na ponte-aérea Philadelphia-Barcelona na época da faculdade.

Numa dessas viagens, eu esqueci de desligar o *roaming* internacional.

Pra quê?

Um mês depois apareceu uma conta de US$1.000 dólares lá em casa.

Para quem estava acostumado a pagar 50 dólares por mês no serviço, aquilo ali foi um mega tapa na cara.

Depois de uma investigada daqui e outra de lá, tinha sido cobrado 950 dólares pelo simples fato de deixar o 3G do meu celular ligado no exterior.

Caramba, saí da linha de pensamento de novo né?

Eu tinha que ligar a porra do telefone para poder receber a mensagem da operadora suíça. Cada SMS internacional que meu telefone recebia eram mais 5 reais... fora as taxas de roaming.

E o pior de tudo era que a senha demorava quase meia hora para chegar pelo SMS.

Papo reto: eu sou totalmente viciado em internet e chego a me sentir mal quando não tenho serviço ou bateria no meu telefone.

No Migros tive um momento de inquietude desses e resolvi puxar assunto com o velhinho que sentou do meu lado.

Apesar de me considerar um cara bem extrovertido, puxar assunto com uma pessoa completamente estranha é uma parada que eu não fazia há muito tempo.

Além da falta de internet, uma das principais razões para uma ousadia daquelas era a questão da língua.

Fiz aulas avançadas de francês para negócios na faculdade, tive uma namorada parisiense e meu CV até hoje diz que eu sou fluente na língua... só que a última vez que eu precisei gastar meu francês para algo útil havia sido em 2009!

Lá se foram 7 anos sem um simples *bonjour*.

Sim, foram centenas e mais centenas horas de estudos para praticamente nada.

O sentimento era que eu perdi muito tempo aprendendo línguas inúteis.

Até escrevi um artigo mega polêmico no meu blog MundoRaiam onde eu digo que aprender línguas estrangeiras é uma das paradas mais inúteis do mundo atual.

De acordo com meus pais e meus avós, a definição de sucesso era a pessoa que sabia se comunicar em várias línguas.

Meus avós até hoje enchem a boca para dizer que o netinho Raiam é multilíngue!

Mal sabia eu que as línguas faladas estão morrendo a cada dia.

Por quê? Porque o mundo todo fala inglês!

Vai fazer negócio em qualquer país do mundo e eu te garanto que a conversa vai convergir para o inglês.

Aí beleza, fui puxar assunto com o velhinho do meu lado para praticar a língua e perder um pouco da inibição.

Só que o cara não falava francês direito.

Notei que a língua dele enrolava quando ele pronunciava os “R’s” do francês e já cantei a pedra: esse vovôzinho aí fala espanhol.

Cliquei o botão de troca de idioma do meu cérebro e já soltei um:

“Ya veo que hablas español. De dónde vienes?”

O velho era da cidade de Rosario na Argentina mas vivia ali na Suíça há quase duas décadas.

Mano, eu me amarro em conversar com gente mais velha assim.

Meu vício em audiobooks me tornou uma pessoa muito mais ouvinte do que falante então eu fiz questão de conduzir a conversa para que ele falasse muito mais do que eu.

Nessa pegada aí, ele me deu uma aula de história argentina: discursou sobre Evita Perón, populismo, guerra das Malvinas, Copa de 78, hiperinflação, privatização da YPF, Diego Maradona, Kirchnerismo... e também mostrou toda sua admiração por seu conterrâneo da cidade de Rosario Lionel Messi.

Notei que ele meio que endeusava Juan Perón e tinha seus desvios

comunistas mas quem sou eu para julgá-lo, né?

O que aquele velhinho cheio de história para contar estava fazendo na Suíça?

É que ele tinha duas filhas que haviam casado com homens suíços e imigrado permanentemente para lá.

Com a morte de sua esposa, as filhas o trouxeram para Genebra para ficar mais perto delas.

Lembra que eu citei o livro Onze Minutos de Paulo Coelho bem no inicio desse capítulo?

Esse vovô argentino aí tinha tudo a ver com o livro.

Isso porque ele era um dos “consumidores” mais fiéis daquelas redes de prostituição de Genebra descritas por Paulo Coelho no Onze Minutos.

Na real, depois de uma hora e meia falando sobre história argentina, o nosso papo tomou um caminho bem diferente: decepções amorosas.

Juntando minhas habilidades de apresentador de talk-show e minha própria experiência com o pé-na-bunda de dois meses antes, consegui conduzi-lo a falar um pouco mais de sua vida familiar.

Ele abriu pra mim que havia sido traído várias vezes por sua esposa quando ela ainda estava viva.

O engraçado é que ele falava que era corno bem abertamente, tá ligado?! Deve ser coisa de argentino...

Depois que ela se foi, meu novo amigo desenvolveu um hábito bem curioso: frequentar prostíbulos diariamente.

Ele me passou o nome das principais “casas das primas” do bairro, a faixa de preço aceitável e também as nacionalidades que tratavam melhor o cliente.

Segundo ele, eu havia de passar longe das dominicanas e das venezuelanas.

Eu dei corda né? Quanto mais ele falava, mais perguntas eu fazia.

Acabou que ele fez questão de me levar pelos quarteirões do bairro de *Pâquis Moles* e mostrar a localização e as características de cada um dos principais prostíbulos da cidade.

Ao contrário da pegada 24 horas do De Wallen de Amsterdam, ainda era 9 da manhã e não tinha nada aberto.

O engraçado é que ele repetiu pelo menos umas 10 vezes o seguinte conselho:

“Não pague mais que 50 francos, tá!? “

Na real, eu coloquei na minha cabeça que meu novo amigo argentino tinha algum vínculo com o Paulo Coelho e tinha sido um dos clientes da protagonista do Onze Minutos, a prostituta brasileira Maria.

Depois de quase 2 horas de conversa com o argentino, decidi que já era hora de tocar o barco.

Mencionei o Paulo Coelho mas ele não deu muita bola não.

Na real, acho que o velho argentino nunca tinha ouvido falar no mago.

Capítulo 11
Champel

Beba! Porque a água viva ainda está na fonte
Você tem dois pés para cruzar a ponte
Nada acabou

O velhinho argentino do supermercado Migros falou para eu cruzar de volta para o outro lado da *Pont du Mont Blanc* e subir para o bairro de *Champel*.

Segundo ele, eu teria mais sorte procurando por aquelas bandas.

Champel... esse nome me soava bem familiar.

Naquela minha época de peão de escritório no Rio de Janeiro, eu trabalhava ao lado de um niteroiense gente boa chamado Eduardo.

O Eduardo lá do escritório era casado com uma banqueira brasileira que trabalhava com gestão de fortunas na Suíça.

Resultado: ele passava muito tempo na ponte aérea Rio-Genebra e virou meu primeiro grande “informante” nessa missão semi-stalker de conhecer pessoalmente meu ídolo Paulo Coelho.

Lembro que o Eduardo mencionou que sua esposa alugava um apartamento no bairro de Champel e volta e meia encontrava o Paulo e sua esposa Cristina caminhando pelas ruas do bairro vestidos de preto.

Daí conectei os pontinhos: caramba, já vi o Paulo Coelho fazendo check-in no Instagram nesse mesmo lugar.

Partiu Champel!

Me despedi do meu novo amigo, dei play no meus audiobooks do aplicativo Ubook e cruzei a ponte.

Para evitar as exorbitantes taxas de roaming, deixei o celular no modo avião mesmo e resolvi navegar pelas ruas de Genebra à moda antiga: parando pra perguntar as pessoas.

A verdade é que se eu tivesse Waze ou Google Maps, o negócio s bem

mais fácil.

Bota aí uns 30 minutos de caminhada subindo os ladeirões de Genebra em direção aos Alpes e lá estava eu no tão sonhado bairro de *Champel.*

No caminho, senti o sangue fervendo e resolvi trocar os audiobooks pela música Tente Outra Vez de Raul Seixas no último volume.

Começou a clicar uma porrada de coisa na minha cabeça.

Fiz questão de começar esse capítulo com os versos dessa que era uma das minhas músicas favoritas, muito antes de saber que ela tinha sido escrita pelo próprio Paulo Coelho nos seus tempos de parceria hippie com o Maluco Beleza Raul.

Sim! Se você futucar direitinho, você vai ver que as principais músicas do poeta Raul Seixas foram, na verdade, escritas por um letrista anônimo chamado Paulo Coelho.

Se você estiver com preguiça de voltar para a outra página, vou colocar a estrofe do Tente Outra Vez aqui de novo:

"Beba
Porque a água viva ainda está na fonte
Você tem dois pés para cruzar a ponte
Nada acabou"

Vamo lá! Vamos começar pelo segundo verso:

"Porque a água viva ainda está na fonte."

Irmão, o apartamento do meu brother cearense Andrey ficava no bairro de Eaux Vives.

Agora traduz *eaux vives* do francês para o português.

Eaux = águas

Vives = vivas

Wow! Coincidência ou destino?

Não parou por aí.

Para chegar até o famoso bairro de Champel, eu tinha que usar meus dois pés para cruzar a principal ponte de Genebra: a *Pont du Mont Blanc*.

Mano depois que eu tive esse insight, eu deixei a música em modo *repeat*.

Não estaria exagerando se te dissesse que a Tente Outra Vez de Raul Seixas tocou umas 50 vezes no meu Spotify naquela manhã cinzenta nos Alpes.

Champel é um bairro essencialmente residencial. Tipo: você olha pra um lado, olha pro outro e só tem prédio-família.

Estou tão perto mas, ao mesmo tempo, me sinto tão longe.

CAPÍTULO 12
MISSÃO ANA MARIA BRAGA

Só os persistentes, só aqueles que pesquisam muito, é que conseguem a Grande Obra

Tudo bem que eu meti o pé pra Suíça sem nada garantido mas a Missão Paulo Coelho não foi um completo tiro no escuro.

Durante aquele mês que eu passei isolado em São Paulo escrevendo o livro Wall Street, eu usava meus breaks para pesquisar tudo sobre o Paulo Coelho.

Abria o YouTube, colocava “Entrevista Paulo Coelho” e assistia tudo com o caderninho do lado.

Francês, inglês, espanhol, português... eu botava todas as entrevistas para tocar.

Entrevista com o Marcelo Tas: check!

Entrevista com a Oprah Winfrey: check!

Entrevista com o mexicano Oppenheimer: check!

Entrevista no Programa Roda Viva em 1990: check!

Entrevista no Programa Roda Viva em 1994: check!

Entrevista no Programa Roda Viva em 2001: check!

Eram horas e horas consumindo material para ter algum insight que me aproximasse do cara e me colocasse mais próximo de cumprir aquela minha missão.

O vídeo mais importante dessa “pesquisa” foi com certeza uma entrevista do Paulo Coelho com a apresentadora do Mais Você Ana Maria Braga.

Em 2011, a Ana Maria subiu pra Suíça e entrevistou o Paulo Coelho dentro de seu mega apartamento em Genebra.

Além das perguntas existenciais e biográficas de sempre, esse vídeo foi importante para minha missão porque mostrou alguns detalhes do prédio

onde o cara morava.

Coloquei aquelas imagens na minha cabeça e, depois de chegar no bairro de Champel, passei a procurar minuciosamente pelo prédio do vídeo.

Uma característica única do lugar era que o Paulo Coelho morava numa espécie de cobertura com um grande terraço e árvores... no segundo andar do prédio.

Isso mesmo que você leu.

O prédio devia ter uns 8 andares mas a cobertura parecia ser no segundo andar.

Adivinha o que eu fiz?

Caminhei por meia Genebra procurando um prédio que tivesse um terração com árvores no segundo andar.

Três horas de caminhada pelas ruas de Champel e nada.

E olha que não foi por falta de insistência e cara de pau não.

Fiz approach em umas 15 pessoas na rua.

Treze delas nunca tinham ouvido falar em Paulo Coelho e as 2 que o conheciam não tinham nem ideia que o cara morava naquele bairro de Champel.

Custei pra acreditar naquilo, tá ligado?

Na minha cabeça, estava todo mundo blefando.

Afinal, a Suíça é um país bem low-profile e parece funcionar sob a lei do sigilo.

Aquele prédio com árvores no segundo andar parecia ser uma miragem no meio do deserto.

Depois de alguns quilômetros de peregrinação pelas ladeiras da parte alta de Genebra, vi um prédio um pouco parecido com aquele do vídeo da Ana Maria Braga.

Era rosa, tinha uns 8 andares e tinha algumas árvores no terraço do segundo andar. Nada de especial, pra te falar a verdade.

Além de parecer ser um prédio de classe média, ele tinha vários escritórios comerciais com plaquinhas corporativas no térreo.

Pensei comigo:

“Pô, o Paulo Coelho é bilionário.
Nunca que ele vai morar num prédio com esse tanto de vizinhos muito menos com essas lojinhas no primeiro andar”.

Continuei minha peregrinação subindo a *Route de Florissant*, principal rua que corta o bairro de Champel.

Andei tanto mas tanto que quase fui parar na França.

Papo reto. Pode jogar aí no Google Maps e você vai ver que essa *Route de Florissant* termina do outro lado da fronteira.

Você sobe a ladeira inteira e acaba tropeçando na França.

Quando eu comecei a ver placas com a bandeira da União Europeia na rua, vi que o caldo tinha apertado e eu estava indo para o lugar errado.

Uma coisa estava bem clara na minha cabeça: o Paulo Coelho morava do lado de cá da fronteira.

Dei meia volta e resolvi procurar abrigo.

A real é que, assim como aconteceu em Amsterdam, eu não tinha me preparado muito bem para o frio que estava fazendo na Suíça.

Quando saí de São Paulo, chequei a previsão do tempo pra Genebra e vi que não pegaria nenhum dia com temperatura abaixo dos 10 graus Celsius.

Me ferrei de verde e amarelo.

Além do frio, estava sentindo uma ansiedade grande que muita gente da minha idade conhece muito bem: a abstinência de internet.

Lá estava eu caminhando por três horas sem checar o Whatsapp, o Facebook, o Instagram e a caixa de e-mails.

Estava quase surtando.

Solução: descer o morro de *Thônex* e procurar algum lugar com Wi-Fi em *Champel*.

Missão difícil essa, hein?!

Quando eu falei que *Champel* era um bairro residencial, eu esqueci de botar ênfase no “residencial”.

Andei uns 2 quilômetros e não vi um restaurante ou birosca para fazer uma boquinha.

Já na parte debaixo do morro, avistei um supermercado Migros igual aquele onde havia conhecido o velhinho argentino do outro lado da *Pont du Mont Blanc*.

Fui lá tentar usar a Wi-Fi do Migros e deu ruim de novo.

Teria que pagar tipo 10 francos (40 reais) para usar meia hora de internet.

Minha pão-durice falou mais alto e eu continuei minha busca por um cyber café.

Naquela altura, o Paulo Coelho ficou em segundo plano.

A ansiedade de ficar tanto tempo sem internet era tão grande que eu já estava considerando a ideia de descer para o Lago Léman até a casa do Andrey só para me conectar à internet e depois subir tudo de novo para reativar a Missão Paulo Coelho.

Saí do Migros e avistei a luz no fim do túnel: tinha uma confeitaria chiquezinha exatamente do outro lado da rua.

Atravessei a *Route de Florissant* e meus olhos brilharam quando viram aquele adesivo universal que faz a alegria da garotada: *WiFi inside*.

Capítulo 13.
O Santo Wi-Fi

Saímos pelo mundo em busca de nossos sonhos e ideais. Muitas vezes colocamos nos lugares inacessíveis o que está ao alcance das mãos.

Não existe almoço grátis. Muito menos no país mais exorbitantemente caro do mundo.

Para usar o WiFi na confeitaria de Champel, eu teria que consumir no mínimo 20 francos (80 reais) lá dentro.

Bati a meta pedindo uma bomba éclair mixuruca e um cappuccino.

Além de descansar as pernas depois de 14 quilômetros de caminhada subindo e descendo as colinas de Genebra, eu aproveitei aquele tempo para literalmente afiar meu machado.

Ao longo daquela semana, havia mandado umas 10 mensagens para o e-mail pessoal de Pilar Piedra mas não havia recebido nenhum sinal de vida.

Resolvi abrir os vídeos da Ana Maria Braga para pegar mais pistas sobre o paradeiro do prédio do onde o cara morava.

À medida que o vídeo ia passando, eu saía dando print de praticamente tudo: desde o ângulo que o prédio fazia com os Alpes até a serena rua que a Ana Maria Braga caminhou para chegar na portaria do prédio.

O momento mais crucial do vídeo foi exatamente ali na portaria.

O cameraman da Ana Maria deu um close no interfone do prédio.

E esse simples e inocente gesto foi o maior *game-changer* da Missão Paulo Coelho até aquele momento.

Como assim, Raiam?

É que na Suíça não tem porteiro e os interfones não têm números igual aqui no Brasil.

Ao invés de ver botõezinhos com 301, 302 e 303, você chega na portaria e vê o sobrenome de todo mundo que mora ali.

A câmera deu close no interfone para mostrar as palavras Coelho e Oiticica e acabou revelando o nome de todos os vizinhos do casal naquele prédio.

Que vacilo da Globo, hein?!

Como dizia o velho Chapolim Colorado, não contavam com a minha astúcia.

Qual foi a minha conclusão?

Oras, se a Suíça é a capital mundial dos bancos focados em gestão de fortunas, toda aquela galera ali do interfone deve ser bem rica.

Meu background de mercado financeiro e fundos de investimento me fez ter um mega insight: vou colocar o sobrenome de toda essa galera numa base de dados de gente rica que eu tenho acesso aqui no meu computador.

O interfone era uma sopa de letrinhas com nomes árabes, russos, alemães e franceses.

Eu saí colocando um por um naquele banco de dados.

Batalha naval: água.

Sete vezes água!

No oitavo e último nome que eu coloquei lá, o banco de dados me cuspiu um endereço exatamente naquele pacato bairro de Champel.

Copiei a rua, o CEP e joguei no Google Maps para ver a mágica acontecer.

O tal prédio era no quarteirão do lado.

Eu quase tive um troço ali dentro da confeitaria.

Mesmo antes de terminar o cappuccino, pedi a conta pra moça e comecei a recolher meus pertences que estavam esparramados pela mesa: meu fiel caderno de gratidão, meu Macbook e meu mapa de Genebra.

O coração batia a mil.

A verdade é que eu tinha começado aquele dia com baixas expectativas.

Afinal, tinha tirado uma semana inteira para cumprir a missão em Genebra.

No meu plano de ação, aquele primeiro dia seria apenas para recolher

informações e, como se diz na gíria do futebol, fazer o reconhecimento do gramado.

Aquela pista do endereço me deu mais confiança do que nunca de que eu estava a alguns minutos de executar aquele grande objetivo na minha vida.

Tirei print da tela do Google Maps, paguei minha conta e saí pra rua.

Parecia um adolescente que havia acabado de perder a virgindade e estava todo serelepe para contar os detalhes pros amigos.

Virei a esquina na *Route de Florissant* e o Google Maps me levou para aquele mesmo exato prédio com as lojinhas e escritórios no térreo.

Valeu, Ana Maria Braga! Tamo junto!

Caí na recepção daquele prédio com o qual eu havia sonhado por meses e meses.

Caralho, era ali!

O interfone estava intacto com os mesmos nomes gringos do vídeo da Ana Maria Braga e com as inscrições “Coelho/Oiticica” na parte inferior.

Chegou a hora!

O braço começou a pesar mas eu consegui apertar o botãozinho para chamar.

Na real, não sabia nem o que ia dizer no interfone.

Como é que eu iria convencer o cara a abrir a porta da casa dele para um completo estranho?

O cara é famoso e tem centenas de milhões de leitores mundo afora.

Pela lei dos grandes números, eu concluí que pelo menos meia dúzia de fãs malucos haviam voado para Genebra tentando fazer o mesmo que eu.

O que me faria diferente dessa galera?

Daí eu lembrei da minha época de faculdade na University of Pennsylvania e das incontáveis horas que eu passei ensaiando para entrevistas de trabalho e fazendo *“elevator pitches”*.

Para quem não manja do assunto, um *elevator pitch* é aquele discurso de apresentação que você manda para alguém dentro do elevador.

A ideia do *elevator pitch* é fazer a contraparte ter empatia com você e querer te contratar ou investir na tua empresa no menor período de tempo possível.

Esse período varia de 30 segundos a 2 minutos dependendo do país e da altura do prédio onde o elevador está instalado.

Toquei uma vez, duas vezes, três vezes e nada.

Minha energia foi baixando rapidamente.

O cara realmente devia estar na Alemanha como indicara sua conta de Instagram uns três dias antes.

Fiquei uns 10 minutos ali na recepção com a feição bem cabisbaixa, puxei o celular do bolso e botei a música Tente Outra Vez de Coelho e Seixas pra tocar no Spotify.

"Não diga que a missão está perdida
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida
Tente outra vez"

Não satisfeito e sem absolutamente nada a perder, toquei o interfone mais umas 20 vezes.

Foi aí que, num passe de mágica, desceu uma família de moradores carregando um monte de tralhas: era edredom, era micro-ondas, era frigobar...

Eles com certeza estavam fazendo mudança e facilmente ficariam felizes de contar com a ajuda de um negão musculoso de 90 quilos para carregar as coisas até o carro.

Quem leu meu primeiro livro **Hackeando Tudo** sabe que eu tenho o hábito de ajudar uma pessoa por dia. Na real, não posso ir dormir sem executar esse hack aí.

Já eram quase 2 da tarde e eu não havia melhorado a vida de ninguém.

Minha energia estava baixa então aquela seria a grande oportunidade de executar um hábito diário e aplicar uma mini-injeção de felicidade no meu ânimo.

À primeira vista, a família pareceu um pouco assustada.

Na real, eu também teria ficado assustado se visse um negro alto, com cara

de mau, roupa de pobre e barba por fazer na portaria do meu prédio.

A verdade é que Genebra não tem muita gente com a minha carcaça, né?!

Notando a sensação de espanto na cara deles, fiz questão de abrir um sorriso bem inocente.

Pronto! Aquele simples gesto enviou uma mensagem de paz para eles.

E o melhor de tudo: a medida que eles iam se aproximando, eu fui notando um tom de familiaridade no discurso da família.

Sim, eles falavam português entre si!

Qual é a probabilidade de encontrar uma família que fala português morando num dos bairros mais chiques de Genebra?

Aí veio a grande sacada: aquela galera ali era da família do Paulo Coelho... sem sombras de dúvida.

O sangue começou a ferver de novo.

CAPÍTULO 14.
O BLEFE

“Os testes mais duros no caminho espiritual são a paciência para esperar o momento certo e a coragem de não nos decepcionar com o que encontramos”

A mãe da família foi a primeira a se dirigir até a porta.

Abri o jogo com ela dizendo que tinha vindo de São Paulo, investido uma grana forte e passado quase 18 horas no avião somente para conhecer meu ídolo Paulo Coelho.

A resposta dela foi bem inesperada e funcionou como um mega tapa na minha cara:

“Não. O Paulo Coelho não mora nesse prédio, não”

Depois de tantas respostas negativas naquela manhã, concluí que ela estava exercitando aquela característica-chave do cidadão de Genebra: o sigilo.

Daí resolvi apertar um pouco mais para cantar o blefe dela.

“Claro que ele mora aqui. É naquele apartamento ali cheio de árvores no segundo andar. O nome dele tá até aqui no interfone.

Antes de passar a palavra pra ela, soltei mais um mecanismo de defesa:

“Fica tranquila, não sou um maníaco não. Sou escritor também e já conheço o Paulo. Vim pra Suíça visitá-lo de surpresa”.

Na real, quem estava blefando era eu.

Ao invés de me mandar tomar no cu, ela foi muito gentil e disse que o Paulo já não morava ali fazia mais de 2 anos.

Aparentemente, Paulo havia tido um mal-entendido com seus vizinhos e acabou se mudando por causa de treta.

A fofoca era que o prédio inteiro se revoltou com o Paulo Coelho porque ele andava peladão naquele terraço do segundo andar.

Mano, pelo histórico de hippie e maluco do cara, eu não duvido nada que isso realmente aconteceu.

Agora pensa comigo: todos os apartamentos dos 8 andares de cima têm vista para aquele mega quintal do Paulo Coelho no segundo andar do prédio.

Imagina a reação dos outros moradores ao saírem para suas varandas para apreciar a vista dos Alpes e derem de cara com um velho barrigudo balançando o pau no andar debaixo.

Segundo minha nova amiga, aquele ali teria sido o estopim de uma briga entre Paulo e os outros vizinhos daquele edifício de Champel.

Aparentemente o cara perdeu a paciência e resolveu comprar uma outra cobertura ali mesmo em Champel para ter mais privacidade.

Chefe é chefe né, pai?!

Dessa vez, a cobertura seria no último andar do prédio para evitar qualquer caô com os vizinhos.

Nossa, que informação quentinha!

Só me restou perguntar aonde era aquela tal cobertura nova do Mago.

Ela disse que não sabia.

Antes de cantar o blefe, ela complementou que iria perguntar a sua filha.

Na real, não lembro o nome dessa gentil senhora.

Se lembrasse, claro que incluiria seu nome tanto aqui quanto na dedicatória desse livro.

Vou chamá-la de Simone.

Simone morava em Brasília com seu marido e tinha uma filha de trinta e poucos anos que havia se casado com um suíço.

A filha de Simone e seu marido gringo moraram naquele prédio do Paulo Coelho por alguns anos e estavam de mudança para um apartamento na região central de Genebra.

Se eu não me engano, o cara trabalhava em um dos grandes bancos de investimento da *Rue de la Confederation*, uma espécie de Wall Street alpina às margens do rio Ródano.

Simone subiu para ajudar o pessoal com o resto das tralhas e eu fiquei ali só na expectativa.

Uns 10 minutos depois, ela me aparece com seu marido e sua filha.

Depois de contar minha história e comprimir o conteúdo desse humilde livro num *elevator pitch* de 30 segundos, a filha de Simone confirmou a fofoca dos vizinhos e apontou para o novo prédio de Paulo Coelho e Cristina Oiticica.

“Ele mora naquela cobertura ali”

Touchdown!

Capítulo 15.
O Penetra

Os encontros mais importantes já foram combinados pelas almas antes mesmo que os corpos se vejam

Antes de me despedir da família e seguir meu rumo, os ajudei a colocar todas as tralhas na mala do carro. Aquele era o mínimo gesto de gratidão que eu poderia fazer por eles.

Mas que família gente boa!

Se alguém conhecer o paradeiro dessa família aí, fala pra eles me procurarem no e-mail.

Não deve ter muitas famílias de Brasília com um genro suíço e uma filha de trinta e poucos morando no centro de Genebra.

Caminhei até o prédio e dei de cara com um interfone um pouco mais high-tech do que aquele do vídeo da Ana Maria Braga.

Ao invés de mostrar o nome e o sobrenome de todos os moradores, o interfone do prédio novo tinha uma tela de LED.

Mas era igualmente fácil chegar até qualquer morador.

Isso porque tinham setinhas para cima e pra baixo e tudo o que o visitante tinha que fazer era chegar até a letra “C”, selecionar a opção “COELHO” e apertar o botão verde escrito “APPELER”.

Toquei o interfone e uma voz masculina me atendeu falando francês com um sotaque bem abrasileirado.

Boom!

Congelei por alguns segundos, me recompus e já comecei meu *elevator pitch*.

Só que, como quase tudo que eu faço na vida, fui com muita sede ao pote.

A voz masculina era do mordomo da casa de Paulo.

Pedi desculpas em português mesmo e pedi para ele chamar o Paulo.

O cara foi bem tranquilo e educado e me pediu para esperar.

Mais um chá de espera: 5, 10, 15, 20 minutos e nada.

Nesse tempinho, a fome apareceu e eu comecei a bolar um plano para voltar no dia seguinte e acampar justamente ali na portaria do cara.

Sabia que ele tinha o hábito diário de fazer longas caminhadas pelos matos de Champel então ficaria ali na espera.

Depois de tanto tempo caminhando e esperando, já estava pronto para jogar a toalha... pelo menos até o dia seguinte.

Puxei o celular do bolso e botei a canção *Tente Outra Vez* pra tocar de novo:

“Levante sua mão sedenta e recomece andar
Não pense que a cabeça aguenta se você parar
Há uma voz que canta, uma voz que dança uma voz que vibra
Pairando no ar”

Quando eu virei as costas para a portaria do prédio e comecei a andar em direção à rua, eis que aparece um SUV bonitão e prateado.

O carro estaciona perto da portaria e deixa uma senhora loira de cabelo curto que carregava algumas caixas pesadas.

Era ela: Christina Oiticica, a esposa do Mago.

Coloquei minha carinha de criança meiga, abri um sorriso de orelha a orelha e disse oi.

Ela me reconheceu.

É claro que me reconheceu.

Afinal, passei algumas semanas perturbando ela e comentando em todas as suas fotos do Instagram que estaria vindo para Genebra para conhecer o Paulo Coelho pessoalmente.

“Oi Raiam! Que bom que você veio! O Paulo tá te esperando né?”

Pensei muito bem antes de blefar mais uma vez.

Todo sem graça e com o olho brilhando de emoção, balancei a cabeça pra cima e pra baixo.

Funcionou.

Ela me puxou pra dentro do prédio e, quando dei por mim, já estava dentro da sala de estar do Maluco Beleza.

"Paulo, olha quem eu encontrei"

O Mago estava sentado na sala de jantar a esquerda da porta de entrada tomando café da manhã.

Achei aquilo no mínimo estranho. Porra, já eram quase 3 da tarde!

Ele me olhou com uma expressão de surpresa e abriu um grande sorriso.

"Cristina, leva ele lá pra cima. Deixa eu terminar de tomar meu café aqui."

Subi a escada caracol até o segundo andar da cobertura duplex e me sentei de frente para o box de arco e flecha.

Na real, não estava acreditando naquilo.

Me imaginei dentro da história do livro *O Alquimista*.

O mulequinho do livro segue a linguagem dos sinais e, depois de muitas armadilhas e perdas pelo caminho, ele exerce a persistência e chega até a tão sonhada pirâmide do Egito.

Ih, tá aí um spoiler pra quem não leu o Alquimista. Desculpa aí, Paulo!

A Cristina subiu lá e tomou um café comigo.

Contei tudo sobre minha jornada até ali e ela se sensibilizou.

Falei para ela que conhecer o Paulo Coelho era o meu grande objetivo para o ano de 2015 e não havia conseguido por puro auto-boicote e medo.

Falei também que não era fã dos livros do Paulo Coelho mas queria conhecê-lo pois sua jornada pessoal era muito parecida com a minha.

Cristina perguntou se eu ainda jogava futebol americano.

Afinal, nessa época, tinha uma foto cantando o hino nacional com o uniforme da Seleção Brasileira de Futebol Americano no perfil do Instagram.

Fui apresentado também ao assessor de Paulo Coelho na Suíça, um quarentão baiano com coração bem tranquilo chamado Marcelo.

Depois de uns 5 minutos de conversa com ele, o mordomo da casa subiu as escadas caracol e me chamou lá pra baixo para finalmente trocar ideia com o Paulo.

Me dirigi até a sala de estar e lá estava ele fumando um cigarro bem fedorento.

Sou alérgico a fumaça de cigarro e me segurei para não ter uma crise de espirros sequenciais como geralmente tenho quando alguém fuma em lugar fechado.

Acho que a adrenalina de estar realizando um sonho neutralizou qualquer reação alérgica do meu corpo.

"Bom Raiam, em quê posso ajudá-lo?"

Na real, fiquei um pouco cabreiro com aquela pergunta.

Parecia que, na visão dele, eu tinha feito toda aquela jornada só para pedir algum tipo de favor pra ele.

Na real, eu não sabia nem o que pedir.

Para te falar a verdade, eu só queria trocar ideia com ele e agradecê-lo pessoalmente.

Indiretamente ou não, foi a história do cara que mudou a minha vida e me fez investir no meu grande sonho de infância.

Acho que ele esperava que eu puxasse o saco dele e lhe pedisse para apadrinhar minha carreira de escritor ou algo do tipo.

Ele fez questão de dizer que não tinha muito tempo para mim e que o peguei totalmente de surpresa.

Mesmo assim, lá estava ele sentado, fumando e com um sorriso enorme no rosto ao escutar as histórias e loucuras daquele neguinho ousado que praticamente invadiu a casa dele.

Só o fato de um cara cruzar o mundo para conhecê-lo deve ter mexido com ele.

Contei para ele da semelhança de nossas vidas.

Santo Inácio, Santo Agostinho, bullying na escola, tratamento psiquiátrico, viagens pelo mundo, juventude na putaria, paixão por escrever, Santiago, San Diego, desvios profissionais, auto-boicote e sobre o meu sonho de me

tornar um escritor de sucesso mundialmente.

Contei também sobre meu pai adotivo americano Grant... que nasceu no mesmo dia, no mesmo mês e no mesmo ano que o Mago.

A verdade é que me senti um pouco travado porque aquilo ali tinha virado um monólogo.

Toda vez que eu tentava passar a palavra para o Paulo e tirar um pouco da sabedoria dele, ele mandava um:

“Continua aí... continua aí”

Na real, tinha ido para Suíça para aprender com ele e ouvir dele e não para contar a minha história. A minha história eu conto todo dia pô.

Ele e Cristina ficaram fascinados com a quantidade de sinais que me levaram até aquele prédio ao longo daquele dia cinzento de inverno.

Mano, por um momento pensei que o cara estava por trás de toda aquela engenharia cósmica de me colocar no lugar certo e na hora certa naquela manhã.

Afinal, ele é um mago né?!

Tem uma frase que se repete umas 20 vezes ao longo do livro O Alquimista e ilustra muito bem essa situação:

“Quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo.”

Impressionante como tudo conspirou para que eu encontrasse ele naquele primeiro dia da missão:

O convite do Andrey...

O bairro de *Eaux Vives*...

O velho argentino de *Pâquis-Mole*...

A *Pont du Mont Blanc*...

O vídeo da Ana Maria Braga...

A aparição da família de Brasília...

A música Tente Outra Vez...

O timing da chegada da Christina....

O bagulho é realmente louco, nego!

Não acredito em acaso, hein?!

Ainda mais vindo de um maluco que sempre diz, há pelo menos 30 anos, que sabe fazer ventar e chover.

No meio daquele meu monólogo, soltei que não gostava de seus livros por se tratarem de obras de ficção para tiazona.

Complementei dizendo que tinha o sonho de conhecê-lo pessoalmente porque eu me espelhava na jornada e no mindset da pessoa Paulo Coelho.

Na real, já peguei pra ler uns 10 livros do Paulo Coelho e só consegui terminar o Alquimista, o único deles que não tinha pegada de livro de ficção para tiazona.

O Alquimista é um senhor livro, diga-se de passagem.

Oficialmente, O Alquimista entra na categoria de ficção.

Só que, depois que você conhecer a história de vida do escritor, você vai concluir que aquilo lá é uma autobiografia travestida de obra de ficção.

Deve ser por isso que eu curti tanto.

O que é um Alquimista?

Depois de tanto estudo, tanta modelagem e tantos sinais, eu cheguei à simples conclusão de que o alquimista é qualquer pessoa que tem a persistência e determinação de transformar seus sonhos em realidade.

Tradução: alquimista é aquela pessoa que tem fé.

O que é fé? Segundo o Mago, fé é a ferramenta que te faz cruzar a ponte entre o visível e o invisível.

A verdade é que eu não falei aquele lance de não gostar de seus livros com o intuito de criticá-lo. Muito pelo contrário.

O fato de não haver lido a obra do cara e, mesmo assim, ter tamanha admiração deveria adicionar um quê a mais de surpresa a ele.

Tem milhões de pessoas mundo afora que leram e gostaram de todos os livros do cara. Mas só um cruzou o mundo para invadir a casa dele e agradecê-lo pessoalmente, tá ligado?

Apesar de não ser muito fã dos livros de Paulo Coelho, meus três

primeiros livros **Hackeando Tudo**, **Ousadia** e **Wall Street** estão lotados de referências (subliminares e escancaradas) à obra do ex-maluco que dá nome a esse humilde livro.

Parece que aquele pedaço de informação entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

Afinal, ele estava tão deslumbrado que um brasileiro da nova geração gostava tanto dele que deve ter ignorado aquele meu surto de sinceridade e cara-de-pau.

Caramba! Quem em sã consciência cruzaria o mundo para encontrar o ídolo para dizê-lo que não gosta de sua obra?!

A verdade é que eu evitei ao máximo de puxar o saco do cara.

Numa das cenas mais marcantes do filme Não Pare Na Pista, Paulo fica tão incomodado com o puxa-saquismo de seu motorista galego que acaba dando uma mega trollada nele.

Outro sinal da sua aversão a gente puxa-saco foi uma entrevista que o Paulo deu para o antigo programa de comédia da Rede Bandeirantes CQC, comandado por seu amigo pessoal Marcelo Tas.

O quadro chamava-se 50 Perguntas e foi gravado na varanda da cobertura duplex do Mago na Suíça.

Uma das 50 perguntas era a seguinte:

“Qual foi o pior elogio que você já recebeu?”

Paulo respondeu:

“Adoooro o seu trabalho”

Com aqueles dois pedaços de informação, já entrei praticamente armado e sabia que teria que evitar qualquer tipo de idolatria e puxa-saquismo.

Depois de 20 minutos de monólogo regado a fumaça de cigarro e sorrisos, Paulo me expulsou educadamente de sua casa.

Expulsar educadamente parece um paradoxo mas ele tinha uma reunião importantíssima para fazer dali a 5 minutos para discutir a distribuição do seu próximo livro A Espiã.

Pô, eu estava lá de bicão, né?!

Já estava no lucro por ter captado 20 minutos da atenção do cara.

Antes de meter o pé da cobertura duplex, ele perguntou:

“Mas e a foto?”

Fiz questão de não pedir foto respeitando o pedido dele naquele e-mail que ele havia me mandado depois do episódio do orixá.

Bingo!

Tiramos uma foto do meu iPhone e uma foto do Android dele.

Fiz questão de fazer uma pose bem diferente para não cair naquele clichê da tietagem.

Depois da foto, deixei escapar que não tinha mais porra nenhuma pra fazer em Genebra durante os próximos 7 dias.

Paulo rapidamente me deu uma solução.

Ele e sua equipe estavam precisando de ajuda no escritório.

Daí o Paulo teve a ideia de me oferecer 50 francos para eu ajudar a galera lá naquela tarde.

Aceitei na lata, né?!

Primeiro que eu só estava gastando dinheiro naquela Missão Paulo Coelho.

Para agravar a situação financeira, tudo que saía do meu bolso, eu tinha que multiplicar por quatro!

Já falei alguma vez no livro que a Suíça é um lugar caro da porra? Acho que já, né?!

Mas vale a pena ressaltar de novo.

Chega a ser ofensivo... parece que você tá numa pegadinha do Silvio Santos toda vez que você entra num lugar e pergunta o preço das coisas.

A real é que viajar para o exterior e ainda ter a oportunidade de ganhar um dinheirinho extra não seria uma má ideia.

Segundo que eu ia colocar no meu currículo que eu já trabalhei para o Paulo Coelho na Suíça.

Ohhhh que foooda!

Na real, eu nem sabia o que eles iam me botar pra fazer mas eu tinha zero planos para aqueles próximos dias em Genebra mesmo.

No mínimo, eu teria uma história nova pra contar.

Capítulo 16.
Trabalho Braçal

"É chato chegar a seu objetivo num instante
Prefiro viver essa metamorfose ambulante"

Depois que aceitei o trampo de freelancer, o Marcelo me levou de carro até a sede suíça da Fundação Paulo Coelho.

A Fundação fica num salão maravilhoso escondido no térreo de um prédio residencial de classe média em *Champel*.

Vou te falar que parece que tudo na Suíça foi planejado para respeitar a lei do sigilo.

Papo reto: se você passar em frente ao prédio, você nunca vai adivinhar que tem uma mega galeria de arte ali.

Coloca lá no Google e se liga no naipe do lugar:

Chemin du Velours 26, 1231 – Geneve/CH

(Fica tranquilo que não tem invasão de privacidade aqui. Eu acabei de tirar esse endereço do museu diretamente do site oficial de Paulo Coelho).

O lugar ainda estava em obras mas já dava pra ver que ia ser um mix de museu e biblioteca.

No fundo da sala, tinha uma mulher de 30 e poucos anos trabalhando com a cara bem fechada entre milhares e milhares de exemplares dos mais variados livros de seu patrão.

Jéssica trabalha no escritório do Rio da Fundação Paulo Coelho e havia voado para Genebra para ajudá-los na montagem do novo lugar.

Aparentemente, ela havia passado os três dias anteriores só escaneando livros para subir ao novo site do Paulo Coelho.

Foi aí que eu descobri que tinha sido contratado para desafogar um pouco o trabalho dela.

Irmão, você não tem noção da quantidade de livros espalhados pelo chão daquele lugar.

Era pelo menos umas 20 caixas, cada uma com uns 100 livros dentro.

Até aquele ano de 2015, Paulo Coelho havia lançado 23 livros.

Multiplica esse número pelas principais línguas do mundo e você vai ter uma ideia da quantidade de livros que tinha para escanear naquela bagaça.

Jéssica tinha matado 80% daquilo ali sozinha.

Haja scanner!

O Raiam apareceu lá para ajudar a finalizar a tarefa.

Cheguei lá na maior pilha né?!

Afinal, estaria ajudando meu ídolo e ainda colocaria mais 200 reais no bolso por duas horinhas de trabalho.

O problema é que o segundo scanner da sala não estava funcionando.

Daí eu comecei a sofrer aquela crise de ansiedade que quase me tirou do sério no começo daquele dia: não tinha WiFi no lugar.

A crise se agravou mais ainda porque eu tinha uma foto com o Paulo Coelho para postar para meus seguidores.

Pô, aí complica, né?!

É aquela parada da aprovação social: ninguém ia acreditar que eu completei a tal Missão Paulo Coelho na Suíça se eu não postasse foto com o cara, né?!

Marcelo resolveu voltar para o apartamento para buscar o scanner reserva.

Enquanto ele não chegava, sentei no chão, encostei as costas na parede e tirei uma soneca ali mesmo na frente da Jéssica.

Algumas horas depois, acordei com ela me mandando ir pra casa.

Aparentemente, o novo scanner não havia funcionado.

Jéssica me pediu para voltar no dia seguinte às 8 da manhã para botar a mão na massa.

Desci as ladeiras do *Champel* até *Eaux Vives* e cheguei todo feliz no apartamento do meu parça Andrey.

Contei para ele todos os detalhes da minha aventura como se fosse um universitário contando como conquistou a mina mais gata do período.

Naquela noite, apareceu um amigo francês do Andrey para tomar cerveja e jogar conversa fora lá no apê.

O cara trabalhava há 15 anos no mercado financeiro e cuidava do patrimônio dos ricaços da Suíça.

Adivinha qual foi o tema da conversa? Dinheiro, dinheiro... e dinheiro.

O engraçado é que o francês devia colocar seus 30mil dólares por mês e estava reclamando da vida.

Isso porque a galera que sentava do lado dele estava colocando 40.

Tadinho, né?!

Um dia eu ainda vou colocar todo mundo que trabalha no mercado financeiro para escrever um diário de gratidão.

Quem leu meu terceiro livro Wall Street sabe bem o conceito da “felicidade relativa” e como esse negócio mata a cabeça do ser humano.

No idioma do meu novo amigo Paulo Coelho, aquele maluco ali estava totalmente frustrado por um simples motivo: ele deve ter largado totalmente a sua “Lenda Pessoal”.

Voltei lá pra Fundação na manhã seguinte e comecei a meter a mão na massa.

Passei uns 300 livros pelo scanner... das mais variadas línguas.

Era O Zahir em tailandês...

Verônica Tem Que Morrer em hebraico...

O Alquimista em árabe...

Brida em alemão...

Papo reto, que trabalho chato e repetitivo da porra!

Na hora do almoço, Marcelo e Jéssica caminharam de volta ao prédio de Paulo e Christina para almoçar.

Fui com eles pensando que ia ter almoço pra mim também.

Que nada! Eles dois subiram para o apartamento do Mago e literalmente fecharam a porta da recepção na minha cara.

“Vai ali almoçar ali no Migros. Tem comida lá. A gente se vê no escritório

às 2 da tarde”

Eu fiquei ali plantado na portaria do prédio com cara de bunda.

Mas foi aí que eu tive o meu maior insight de toda viagem até aquele momento.

Putz, cruzei o mundo na esperança de aprender algo com o Paulo Coelho e o cara mal abriu a boca na nossa “conversa”.

Daí ele me põe para trabalhar para ele e, mesmo sem dizer uma palavra, me dá uma das maiores lições que eu já tive na minha jornada de escritor.

Olha a linguagem dos sinais aí, gente!

A conclusão de todo aquele trabalho braçal era bem simples:

“Raiam, se você realmente quer viver de livros e ser um escritor de sucesso, a sua obra tem que estar em todas as línguas do mundo”

Plaft! Que tapa na cara da porra!

A real é que eu realmente havia pensado nisso.

Um mês depois do lançamento do Hackeando Tudo, eu contratei uma freelancer espanhola no Fiverr para traduzir o livro para o castelhano.

Coloquei o livro no Amazon sob o título de **Hackeando Todo: 90 Hábitos Para Comerse El Mundo.**

O livro não vendeu quase nada. Mas a culpa foi minha, né?!

Primeiro que eu nem revisei e nem adaptei.

O livro está cheio de referências à cultura brasileira que não colam com o público de países de língua hispânica.

Segundo que eu não coloquei um pingo de suor no marketing.

Depois dessa experiência frustrada no mercado internacional, eu meio que perdi o tesão e fiquei com medo de compartilhar minha obra com o mundo.

Já tinha a versão inglesa do livro prontinha para jogar no Amazon.

Só que criei um mega bloqueio mental e até hoje não lancei o TOTAL HACKS: 90 GAME-CHANGING HABITS FOR MILLENIALS no mercado.

Puro medo.

Bateu as 6 da tarde e chegou a hora de sair do escritório.

Me despedi do Marcelo e da Jéssica e desci o ladeirão de Champel na direção da casa do Andrey.

Como na noite anterior, tivemos uma mini-sessão de debriefing regada a cerveja Leffe.

Odeio cerveja mas a adrenalina estava tão alta que eu tomei umas 4 seguidas com o Andrey.

Quando eu falei para ele que o Paulo Coelho havia me pagado 50 francos para fazer aquele trabalho, o Andrey riu pra caramba da minha cara.

Não entendi, né.

Pô... 50 francos era 200 reais. 200 reais é 25% do salário mínimo no Brasil.

Ganhei 200 reais por um dia de trabalho... para mim estava tranquilo e favorável.

O Andrey riu porque ele pensa em francos suíços e não em reais.

Ele paga 25 francos por hora de trabalho da faxineira que limpa a casa dele durante a semana.

Sim, o salário mínimo na Suíça ronda os 25 francos por hora!

Se uma faxineira ganha 25 francos por hora, eu realmente fiquei no prejuízo trabalhando 13 horas para ganhar 50 francos né?!

E olha que eu nem descontei os 25 francos que eu paguei para almoçar no Migros.

Mal-agradecido? Claro que não!

Aquele dia de trabalho braçal abriu vários horizontes para mim.

Capítulo 17.
O Rei Lyon

O mundo está nas mãos daqueles que têm a coragem de sonhar e correr o risco de viver seus sonhos

Acordei com vários novos seguidores no Instagram.

Isso porque o Mago retuitou aquela foto nossa e escreveu o seguinte:

“#nothingisimpossible / @r2raiam decidiu que ia me encontrar a qualquer custo, sem mesmo saber onde eu moro. Tomou avião ontem e hoje acordei com ele na MINHA CASA! // he lives in Brasil, hadn’t my address, took a plane yesterday and when I woke up he was here!“

Meus 15 minutos de fama internacional.

Ainda faltavam 6 dias para eu meter o pé de Genebra.

Na real, não tinha porra nenhuma pra fazer lá.

Para piorar a situação, eu estava me sentindo meio mal por “invadir” o espaço do meu amigo Andrey.

É verdade que foi ele que me convidou mas eu era um intruso, tá ligado?!

Acho que até o cachorro da casa estava incomodado com a minha presença.

Sua noiva Ida estava viajando a trabalho para os Emirados Árabes Unidos e chegaria em Genebra na tarde de sexta-feira.

Putz, eu já estava me sentindo um invasor quando só tinha o Andrey e o cachorro lá.

Agora quando a Ida chegar, fudeu!

Minha solução: navegar pelo Google Maps e encontrar um destino para passar o fim de semana.

Pensei Turim, Barcelona, Paris, Marselha, Chamonix até lembrar que eu tinha família em Lyon.

Com mais de 2 milhões de habitantes, Lyon é segunda maior área

metropolitana da França e a cidade-grande mais próxima de Genebra.

Entrei no site Rome2Rio para explorar todas as minhas opções para fazer o trajeto Genebra-Lyon.

Além do trem e do aplicativo de carona BlaBlaCar, tinha um ônibus low-cost chamado FlixBus que fazia o trajeto entre as duas cidades por míseros 7 euros.

Fui ver qual é.

Apesar de estarmos na Suíça, terra dos relógios e da pontualidade, a porra do ônibus atrasou quase 2 horas.

Passei esse tempo escutando audiobook e examinando os destinos de ônibus que saíam daquela mini-rodoviária no bairro de Cornavin.

Caraca! Tinha ônibus diários da Suíça para lugares tão longínquos quanto a Rússia, a Polônia e o Marrocos!

Entrei naquele ônibus luxuosíssimo com chão de madeira e poltronas super confortáveis, encostei a cabeça e, quando abri os olhos, já estava dentro da cidade de Lyon.

Cheguei a essa conclusão quando olhei pela janela do ônibus, vi indicações para o *Stade Gerland* e tive um flashback da Copa do Mundo de 1998.

Foi ali naquele estádio bem na entrada da cidade que ocorreu um dos jogos mais importantes da história das Copas.

No dia 21 de junho de 1998, a seleção do Irã venceu os Estados Unidos por 2 x 1 em Lyon.

Mas aí, Raiam: se nenhuma das duas equipes passaram para as oitavas de final, por que aquele jogo foi tão memorável assim?

Tinha 8 anos de idade mas lembro que o mundo inteiro parou para ver aquele jogo que ficou apelidado de *“The Most Politically Charged Game in World Cup History”*.

Na época, os dois países eram máximos inimigos e tinham um histórico de guerra bem pesado.

Por causa daquele passado negro, a mídia internacional estava com alerta aceso para a possibilidade de alguma treta terrorista nos arredores do estádio.

O que se viu dentro de campo foi algo bem diferente.

As federações de Estados Unidos e Irã deixaram a política internacional de lado e até burlaram uma regra da FIFA: os titulares das duas seleções tiraram uma foto juntos antes do jogo começar para mostrar que guerra não tinha porra nenhuma a ver com o futebol.

Esse aí foi o carimbo que Lyon deixou na minha cabeça.

Os postes dos arredores do estádio estavam enfeitados com banners celebrando os jogadores da equipe local: o Olympique Lyonnais, equipe que havia sido heptacampeã francesa na década de 2000 com os brasileiros Fred (o cone), Cláudio Caçapa e o reizinho monumental Juninho Pernambucano.

Uns 10 minutos depois de passar pelo estádio, lá estávamos nós na *Gare de Lyon-Perrache*, antiga estação central da cidade.

Gosto muito de caminhar e tinha colocado na cabeça que faria o percurso entre a estação e a casa da minha família francesa à pé.

Já tinha até mapeado uma caminhada de 1 hora beirando a margem esquerda do rio *Rhône* e cruzando a *Pont Morand*.

Mas deu ruim.

Por causa do atraso do FlixBus e da falta de WiFi, fiquei preocupado em dar sinal de vida pros meus hosts e resolvi pegar o metrô direto para lá.

Peguei a linha vermelha de *Perrache* até *Macéna* e caminhei uns 2 quarteirões até chegar no belíssimo apartamento de Rebecca e Paul.

Rebecca é a filha de um dos melhores amigos do meu pai na época que ele serviu a Força Aérea Brasileira, o brigadeiro Gilberto Barros.

Rebecca era de Brasilia mas havia se mudado para a França uns 2 anos antes para terminar seus estudos por lá.

Acabou que ela se apaixonou por um francês judeu de origem argelina na ilha de Oléron e eles passaram a morar juntos em Lyon.

Disse ali em cima que eles já eram família pois, alguns meses antes, eles haviam morado na casa dos meus pais no Recreio.

Na manhã seguinte, Paul e Rebecca foram anfitriões e me levaram num mini-tour pela cidade.

Subimos ao mirante de Fourvière, visitamos os *traboules* secretos da Segunda Guerra Mundial e cruzamos a cidade de volta para Macéna.

À tarde, resolvi me isolar numa cafeteria daquelas típica dos filmes franceses para escrever um pouquinho.

Afinal, fiquei um bom tempo sem escrever nada no meu humilde blog MundoRaiam por causa do foco total que dei ao livro Wall Street no mês anterior.

O artigo do dia era *"O país da trambicagem: 7 bagulhos doidos sobre a Suíça"*.

Nele, eu descrevi todas as surpresas que eu tive depois de haver "morado" em Genebra por alguns dias.

Quando você tiver tempo, vai lá no meu site dar uma olhada no artigo.

Os 7 bagulhos doidos do artigo foram:

1- Custo de vida
2- Chocolate à preço de banana
3- Arbitragem geográfica
4- Evasão fiscal
5- Uso do inglês
6- Rico andando de transporte público
7- Cultura do cachorro

Depois de uns três cappuccinos e duas horas consumindo a WiFi do lugar, publiquei o artigo no MundoRaiam e caminhei até a Roda Gigante da *Place de Bellecour* para encontrar minha amiga Giovana.

Giovana era minha estagiária na época do fundo de investimento e também havia pedido demissão para realizar um sonho.

Ela havia mudado para a Europa para estudar engenharia na *Université Claude Bernard Lyon* durante um ano.

Como não teria sinal de internet na rua, marquei com ela às 17:30 em frente ao McDonalds da praça.

Depois de uma meia hora de caminhada pelas belíssimas ruas de Lyon, lá estava a sorridente Giovana na porta do McDonalds.

Uns 5 minutos depois, apareceu uma amiga bem atraente da Giovana. Victoria era venezuelana e também estava em Lyon estudando engenharia.

Com a presença de um terceiro elemento, o foco da conversa passou rapidamente daquela velha fofoca de escritório para a situação econômica do país natal da minha nova amiga.

Segundo ela, o venezuelano do povão ganhava o equivalente a 4 euros por mês de salário.

Ela pegou duas moedas de euros para ilustrar o que Hugo Chávez e seus comparsas fizeram com nossos queridos vizinhos aqui da América do Sul.

Sim, o que o trabalhador com diploma universitário do país dela ganhava em um mês inteiro trabalhando de 9h as 18h não dava para comprar uma Coca Cola de 2 litros na França!

Rapidamente cheguei à conclusão de que Victoria devia ser filha do Abilio Diniz da Venezuela.

Afinal, não é qualquer venezuelano que consegue mandar sua filha para fazer intercâmbio na França durante uma crise de hiperinflação.

Depois de caminhar pela cidade, paramos num lugar chamado *La Bicycletterie*, uma cafeteria descolada que funciona dentro de uma loja de bicicleta.

Na real, um negócio daquele nunca funcionaria no Brasil.

Comer sobremesas e tomar cappuccino num lugar com cheiro de graxa e pneu de bicicleta deve ser coisa de francês mesmo.

Aí apareceu mais uma gata para o bonde: uma madrilena de olhos verdes chamada Candela.

Foi aí que eu pus pra jogo a principal conclusão da Missão Paulo Coelho até aquele momento: depois de 10 minutos de conversa, "contratei" uma tradutora para a versão espanhola do novo livro Wall Street.

Papo vai, papo vem, decidimos tomar uns gorós no centro da cidade.

Aí eu já fui me soltando...

No meu ano de "pessoa normal" fui ultra-careta e comportado: não bebia, não saía para a night e raramente ia dormir depois das 11 da noite.

Depois do trauma e da mini-depressão que o pé-na-bunda me gerou, bateu na minha cabeça que eu tinha que encher a cara naquela noite.

Afinal, eu merecia né?!

Tinha acabado de sair de uma grande batalha contra mim mesmo no processo de criação do terceiro livro e finalmente havia queimado meus navios com o mercado financeiro.

Fora isso, também tinha acabado de realizar o sonho de conhecer meu ídolo pessoalmente.

Com três gatas solteiras ali na minha frente, também tinha aquela pequena possibilidade do “final feliz”, né?!

Que beleza! Tava passando necessidade já, tá ligado?!

O local escolhido foi o KGB, um bar com temática comunista perto do *Opéra Nouvel* de Lyon.

Consumido pela cor vermelha, a decoração do lugar fazia várias referências à Revolução Bolchevique de 1917 e a líderes como Lenin e Stalin.

Apesar de ser totalmente anti-comunista, eu estava gostando e muito daquela vibe soviética e boêmia.

Primeiro que estava rolando um happy hour cabuloso com cerveja, vinho e martini a 2 euros.

Se converter para real, o negócio não fica tão barato assim mas eu havia acabado de passar uma semana inteira na Suíça, né?!

Cara, vai numa balada em Genebra e você vai pagar uns 20-25 francos pela cerveja mais barata da casa.

Como tudo na vida é relativo, eu me senti o rei do camarote naquela tarde e paguei a bebida das três.

Falando nisso, estava me sentindo importante de novo.

Éramos o centro das atenções do bar inteiro. Conversávamos alto e gargalhávamos mais alto ainda... tudo isso regado a rodadas e mais rodadas de vinho francês.

Para os marmanjos à nossa volta a impressão devia ser: ou esse negão é o amigo gay delas ou ele vai se dar muito bem hoje a noite.

Depois de botar pra jogo vários *drinking games* da minha época de universitário nos Estados Unidos, o álcool chegou a um nível mais crítico para os quatro latinos do bar.

Eu estava tão alterado que não tinha nem criatividade nem energia para investir num “final feliz” ali. Friendzone triplo!

A verdade é que, no fundo no fundo, meu coração ainda estava no Rio de Janeiro... apesar de todo sofrimento que havia passado.

Acabou que as três pegaram a *bike* para a residência universitária perto do parque *Tête D’Or* e eu cruzei a ponte solitário de volta para o apartamento dos meus anfitriões em *Macéna*.

Capítulo 18.
A Geração Perdida

“Compre seu rebanho e corra o mundo até aprender que nosso castelo é o mais importante nossas mulheres as mais belas”

Estava bêbado, cansado e só pensava em dormir.

Não bastasse o longuíssimo *happy hour* com as amigas da Giovana, cheguei no apê e estava tendo outra festa.

No caso, era mais um *apéro*: nome francês para um encontro de amigos na sala de casa regado a vinho e discussões sobre política.

Uma das coisas que eu mais gosto de fazer quando viajo é conhecer gente e comparar a juventude daqueles países com a nossa.

O que eles estão fazendo?

Qual o sonho deles?

Como eles se divertem?

Puta que pariu ô povinho pra gostar de política, hein?! Era Sarkozy, Hollande, Marine Le Pen, Angela Merkel, Barack Obama... sobrou até pro Bolsonaro.

Na real, das 15 pessoas que estavam presentes ali comemorando o aniversário de 25 anos da minha host Rebecca, metade não era francesa.

Vou te falar que senti uma vibe muito negativa entre os jovens franceses da festa.

Notei que eles estavam meio desacreditados com relação à economia do país e comecei a fazer perguntas com uma vibe mais investigativa.

Tudo bem que o francês já é pessimista de natureza... mas notei algo bem mais pesado no discurso do casal e de seus amigos locais que passaram lá no apê para tomar um vinho com a gente.

Eles estavam com uma dificuldade enorme de conseguir emprego na França.

Haviam passado a vida inteira estudando, se enchendo de credenciais e diplomas e estavam prestes a ostentar um mestrado no currículo.

Na hora de fazer a entrevista de emprego, eles batiam de cara com a porta por falta de experiência profissional.

Agora eu pergunto: como é que o cara vai ter experiência profissional se ele passou os últimos 7 anos estudando em modo hardcore?

Os poucos que conseguiam emprego, tinha que se contentar com um salário de 1.000 euros.

Para você ter uma ideia, o lixeiro, o padeiro e o garçom na França ganham por volta de 1.000 euros por mês.

Oferta e demanda: tem muito trabalhador qualificado para pouca vaga de trabalho.

Agora para pra pensar. O cara estuda a vida inteira, tira notas altas, passa no vestibular, consegue o diploma universitário, faz estágio, tira um mestrado... tudo isso para chegar aos 27 anos de idade para receber o mesmo salário do lixeiro que nunca estudou?!

Cadê a meritocracia, cara? Qual a motivação de estudar e se capacitar?

Putz, na minha cabeça, quem faz mestrado é aquela pessoa que praticamente joga toalha.

Chega para qualquer criança e pergunta o que ela quer ser quando crescer, eu duvido que ela vai incluir mestrado ou MBA na resposta!

Lá nos Estados Unidos, as pessoas que saíam da faculdade e iam fazer mestrados eram até mal-vistas, tá ligado?

Sabe por quê?

Porque o mestrado era sinal de que elas não conseguiram arrumar emprego depois da graduação e adiariam sua entrada no mundo real por um ou dois anos em troca de um pedaço de papel e algumas centenas de milhares de dólares em dívidas.

É aquele velho dilema entre a preparação e a execução. Quem sabe faz, quem não sabe passa a vida estudando.

Mestrado pra mim é o seguinte:

"Universo, eu jogo a toalha. Quero ser empregado pra sempre e quero me

submeter ao sonho dos outros pra sempre. Vou fazer de tudo para parar minha vida por dois anos e me encher de credenciais e convencer alguém a me contratar!"

Sim, senhores! O sistema francês é totalmente quebrado.

E fica pior!

Paul me contou que muitos de seus amigos preferem aproveitar uma espécie de "bug" no sistema francês para ganhar um troquinho do governo.

Na França, tem uma política social que os locais apelidaram de *chomage*.

Ao pé da letra, *chomage* significa simplesmente desemprego.

Só que, na linguagem da molecada, essa porra aí ganhou uma conotação positiva e virou uma fonte de renda!

Segundo Paul, seus amigos diplomados trabalham por 6 meses de peão e pedem as contas no sétimo mês.

Com 6 meses de trabalho, você está qualificado para ganhar uma espécie de seguro-desemprego do governo.

Quantia? Os mesmos 1.000 euros que ele ganharia se trabalhasse 8 horas por dia lavando pratos ou criando relatórios no Power Point.

Sim, senhores... o governo te dá 1.000 euros por mês durante um ano inteiro para não fazer porra nenhuma!

Qual é a graça de correr atrás de alguma coisa se o governo te paga para ficar na inércia?!

Fui dormir com uma sensação de gratidão enorme.

Apesar de todos os problemas do Brasil, eu dei graças a Deus de estar na condição que eu estava.

Minha carreira de escritor crescendo a todo vapor, meu blog bombando e minha vida espiritual finalmente bem-encaminhada.

Como diz o Paulo Coelho, estava lutando o meu "bom combate".

E o melhor de tudo: eu estava finalmente escrevendo o que eu estava sentindo. Quando você fala o que você está sentindo e aquele negócio é comum a outras pessoas, sua obra está se cumprindo.

Antes de dormir, aproveitei para responder e-mails de leitores e também

alguns comentários no blog.

Uma dica para você: nunca responda e-mails nem comentários de leitores quando você está bêbado.

Capítulo 19.
Lausanne

“Não existe nada de completamente errado no mundo, mesmo um relógio parado consegue estar certo duas vezes por dia”

Apesar de ter ido pra cama lá pelas 3 da manhã, às 6 já estava de pé preparando para pegar o primeiro Flixbus do dia.

Ao invés de voltar direto para o cafofo do Andrey em Genebra, resolvi fazer um mini pit-stop turístico na pacata cidade suíça de Lausanne.

Lausanne é uma cidade à beira do mesmo lago Léman só que a uns 60 quilômetros ao norte de Genebra.

A principal atração turística da cidade chama-se *Musée Olympique de Lausanne,* um enorme museu fincado na sede do Comitê Olímpico Internacional.

Eu sempre fui apaixonado por Olimpíadas e aquela visita tinha um sabor especial porque, dali a menos de 6 meses, os jogos aconteceriam na minha cidade natal e no mesmo exato bairro onde eu passei grande parte da minha adolescência.

Chegando em Lausanne, tive a pequena impressão que o tal do Flixbus era a versão europeia do ônibus piratão da Baixada Fluminense.

Rodoviária pra quê? O ônibus deixou a gente num estacionamento perdido numa área bem isolada do subúrbio da cidade.

Para sair do meio do nada e chegar no Museu Olímpico, eu precisava pegar mais dois ônibus.

Tá aí uma coisa que a Suíça é bem parecida com o Brasil: os ônibus quase não passam aos domingos.

Mas a tal linguagem dos sinais do Alquimista entrou em ação mais uma vez.

Antes de embarcar em Lyon, havia acontecido uma treta entre o motorista

alemão do FlixBus e uma senhora africana que carregava seu filho no colo.

Aparentemente ela havia pago a passagem pela internet mas o sistema do motorista não estava reconhecendo o código de barras.

A situação começou a ficar pesada porque o cara não falava uma palavra em francês e ela também não manjava do alemão.

Qual é a solução nessas horas?

Falar inglês! Só que também não funcionou porque o inglês dos dois era bem abaixo da média.

Fiquei xingando aquela mulher na minha cabeça. Afinal, o ônibus demorou mó tempão para sair só por causa dela.

Depois de quase uma hora de discussão, o código de barras da passagem dela finalmente funcionou e lá fomos nós de volta para a Suíça.

No ponto de Lausanne, apareceu um mochileiro com a camisa do Vasco e eu dei uma zoada nele em português. Afinal, o Vasco acabava de ser rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

Aquela mesma senhora negra da treta de Lyon notou que eu era brasileiro e resolveu puxar assunto comigo.

Seu marido era angolano e havia se mudado para a Suíça há algumas décadas.

Ela parou em frente ao mapa do ponto de ônibus e me mostrou o caminho e as baldeações corretas para chegar ao tão sonhado Museu Olímpico de Lausanne.

Na Suíça não tem cobrador de ônibus, tá ligado? Então a gente tinha que comprar o bilhete do ônibus na maquininha que tinha no ponto.

O problema é que minha carteira só tinha uma nota de 50 francos no bolso e a maquininha não dava troco.

O que aconteceu?

A senhora negra notou que eu estava em apuros e chegou inserindo duas moedas de francos na maquininha.

Sim, aquela estranha que eu havia xingado tanto no meu subconsciente pagou minha passagem.

E não parou por aí.

Uns 5 minutos depois, seu marido angolano passou de Mercedes para buscá-los no ponto.

Me despedi dela e de seu filho com um abraço de agradecimento e troquei uma ideia rápida em português com o negão simpático da Mercedes.

Dois minutos depois, eis que o mesmo Mercedes para em frente ao ponto e abaixa o vidro:

“Entra aí, jovem. Vou te levar ao Museu”

O cara me economizou uns 40 minutos no transporte público e me deixou bem na porta do Comitê Olímpico Internacional.

No caminho, ele contou um pouco da história dele.

Como muitos africanos de sua geração, ele imigrou para a Europa em busca de uma vida melhor e acabou se dando muito bem depois de muito suor e trabalho duro como peão ali na Suíça.

Fiquei umas 4 horas vendo vídeos e apreciando aquelas relíquias da história das Olimpíadas com lágrimas nos olhos.

Mano, não sou muito fã de museu.

Vou te dar o exemplo do Louvre. Tem gente que passa dois ou três dias inteiros no Louvre e não consegue ver tudo.

Fui naquela porra quando tinha 18 anos e passei um total de 10 minutos lá dentro: entrei, vi que a Monalisa não era lá grande coisa e meti o pé.

Aquele Museu Olímpico era outro papo: esporte, filosofia grega, história, medicina esportiva, política internacional e macroeconomia tudo num lugar só.

E olha que, desde pequeno, eu tinha o sonho de visitar aquele lugar ali.

A verdade é que a visita àquele museu sensacional não estava nem nos meus planos. Só caiu a ficha quando eu vi no mapa que Lausanne era do ladinho de Genebra.

Aquela velha ansiedade provocada pela falta de WiFi voltava a bater a minha porta.

Isso porque a WiFi do Museu Olímpico era tipo aquela WiFi do

McDonald’s de Genebra: precisava de um número suíço para usá-la.

Assim que saí do Museu Olímpico, saí catando algum lugar onde eu pudesse me conectar com o mundo e apagar aquele fogo.

Por se tratar de um domingo, parecia que a cidade inteira de Lausanne estava entregue às moscas.

Resolvi caminhar na direção oposta ao lago e seguir as placas para a estação central de Lausanne.

No caminho, eis que me deparo com uma confeitaria bem parecida com aquela de *Champel* onde consegui recolher a pista do interfone da Ana Maria Braga.

Entrei lá, dei *bonjour* à moça e pedi um cafezinho.

Assim que coloquei a senha da cafeteria, notei um volume estranho de notificações na minha caixa de e-mail e no meu Whatsapp.

Chequei o Whatsapp primeiro e vi umas 15 mensagens do tipo:

“Raiam, olha seu blog”

Na hora, eu já pensei que o MundoRaiam havia sido novamente atacado por hackers.

No mês anterior, soltei um artigo polêmico sob o título de “Não Contrate Um Comunista” que acabou gerando milhões de acessos e alguns ataques de haters no servidor.

Só que nesse caso, não tinha nem hackers nem haters envolvidos.

Quem comentou no meu blog foi o próprio Paulo Coelho.

Aí veio uma porção de flashback da noite anterior.

Lembra que eu falei que comecei a responder e-mails e comentários de leitores quando eu estava completamente bêbado em Lyon?

Bom, teve um maluco que escreveu o seguinte comentário (não corrigi a grafia de nada para manter a originalidade a parada):

“Opa Raiam, tou sempre por aqui, achei que vc ia falar mais sobre o Paulo Coelho. Eu gostei de alguns livros dele quando era adolescente mas para adultos não recomendo, hoje em dia nem me interesso em ler mais nada que ele escreve. Se a conversa for pra aprender a vender livro e

fazer o resto do business tudo bem, mas o miolo dos livros não é lá essas coisas, mesmo sendo best-seller.”

Me deu vontade de mandar ele tomar no cu e defender o Paulo Coelho por causa do comentário do “miolo”.

Mas lembra no início do livro que eu falei que não curtia a ficção do Paulo Coelho?

Se liga na minha resposta bêbada para o cara:

“Eu também não curto os livros do Paulo... e falei isso na cara dele. Mas ele vende! Liga o foda-se para os haters e VENDE PRA CARALHO... é isso que eu quero para minha vida.”

Isso me fez lembrar de um dos provérbios que mais marcaram minha experiência universitária nos Estados Unidos:

“A drunk person’s words is a sober person’s thoughts”

Capítulo 20.
A Treta Das Tretas

Sempre que possível, seja claro. Mas que sua clareza não seja o motivo para ferir os outros

A verdade é que eu estava tão alterado que nem me lembro de ter escrito aquilo mas o comentário do Paulo Coelho entrou como um direto de esquerda do Floyd Mayweather Jr na minha cara:

"Você não falou isso, é mentira. Foi recebido com carinho e agora demonstra uma grosseria infeliz. Se tivesse falado, eu teria me levantado imediatamente porque EU respeito meu trabalho. Resta lamentar os 20 min que passamos juntos. Dou o assunto por encerrado aqui."

Cataplei! Era exatamente o que os haters da internet estavam esperando.

Fiquei tão devastado e arrependido que não sabia nem onde enfiar a cara.

Fui até a Suíça para construir um bom relacionamento com o velho e consegui destruir toda minha credibilidade em menos de 48 horas.

Tudo por causa do álcool. E olha que eu sou um cara super saudável e quase não bebo álcool (só quando tô escrevendo livro).

Daí uma velha frase da minha mãe passou pela cabeça:

"O peixe morre pela boca"

Pela boca não né, mãe?! Nesse caso foi pelos dedos.

Mano, eu não sou o tipo do cara que fala pelas costas, tá ligado?!

Muito pelo contrário, eu já paguei um preço muito alto na minha vida por literalmente tocar o foda-se e mandar a real na cara das pessoas.

Naquele comentário, eu estava sendo eu mesmo.

Segundo o Paulo Coelho, eu estava mentindo.

Puta que pariu quantas vezes eu vou ter que repetir que não gosto dos

livros do Paulo Coelho?!

Apesar de ter comentado publicamente, eu nunca iria pensar que o cara ia ler meu artigo e descer a tela inteira para caçoar os comentários.

O cara faz questão de falar que mantém uma lista negra de todas as pessoas que já falaram mal dele e que realmente guarda rancor.

Ih fudeu! Entrei pra lista negra do Mago.

Aí o que eu pensei?

O cara já foi bruxo, manja dos paranauê de Aleister Crowley então vai jogar um feitiço bem brabo pra cima de mim e eu nunca vou conseguir escrever livro de novo.

A tristeza, o choque e o medo da possibilidade de uma magia negra não duraram mais que 30 minutos.

Parei para examinar a situação.

O cara é um dos escritores mais lidos de todo o mundo.

Exemplo de determinação e realização de sonhos.

Por que será que ele se importou com o comentário de um escritor novato com mil vezes menos seguidores que ele?

Isso me lembra uma das minhas passagens favoritas de um dos livros mais poderosos desse mundo: o Novo Testamento.

“Um profeta é respeitado em toda parte. Menos em sua terra, entre seus parentes e em sua própria casa”.

O cara barbudo que falou essa frase há 2 mil atrás passou a vida fazendo milagre no Oriente Médio inteiro.

Ele só não conseguiu fazer milagre em uma cidade: Nazaré, sua cidade de criação.

Agora para pra pensar: em que lugar do mundo o Paulo Coelho é mais odiado e criticado?

No Brasil, cara!

Como ele próprio diz, no Brasil tem muito crítico e pouco criador e a única razão que o Brasil não vai pra frente é que nós não assumimos responsabilidade sobre aquilo que estamos fazendo.

Além de apanhar pra caramba da crítica ao longo dos últimos 30 anos, ele tá passando por um momento de “crise” no mercado literário brasileiro.

Usei “crise” entre aspas porque essa palavra nem deve existir no vocabulário de um cara que viveu sua lenda pessoal e vendeu 200 milhões de livros mundo afora.

Já cansei de trocar ideia com gente que trabalha com esse mundo literário e é quase que consenso que é difícil pra caralho vender Paulo Coelho hoje em dia.

Bota grana de marketing, faz campanha comemorativa, melhora o *placement* nas livrarias mas não vende tão bem quanto eles esperam.

Por que será que nomes menos conhecidos internacionalmente como Augusto Cury, Thalita Rebouças e Isabella Freitas vendem mais que o Paulo Coelho no Brasil?

Porque o Paulo Coelho se isolou lá na Suíça e meio que perdeu a conexão com o público daqui.

Essa parada de não ser tão idolatrado no Brasil com certeza deve doer no coração do cara, tá ligado?!

Aí vem um moleque que nasceu no mesmo ano do livro Alquimista, gasta dinheiro do próprio bolso e cruza o mundo só para realizar seu sonho de conhecê-lo pessoalmente.

Wow, que legal! Ainda sou grande no Brasil... a Geração Y brasileira gosta de mim!

Daí esse mesmo moleque solta essa bomba dizendo que não gosta do trabalho do cara?!

Mano, até eu ficaria puto.

Antes de lançar esse livro, havia contado essa treta com o Paulo Coelho para poucas pessoas.

Compartilhei a história com alguns amigos próximos e com meus mentores Joaquim Barbosa, Patricia Lobaccaro e Alex Garcia... todo mundo me chamou de vacilão e otário.

Vacilei mesmo e foda-se.

Quer dizer... vacilei porra nenhuma.

Eu falei a verdade!

Como é que eu vou me crucificar e me lamentar por ter seguido meu coração naquele momento?

Eu teria vacilado se fosse *fake* como a grande maioria das pessoas frustradas desse mundo, tá ligado?!

Se fosse um cara normal, mesmo se não gostasse da obra, ele colocaria uma mega de uma *poker face* e passaria a tarde bajulando o cara.

Afinal, o Paulo Coelho é famoso e tem dinheiro. Puxar saco e encher de elogios geralmente é a regra #1 pra se tratar gente rica e famosa, né?!

Eu mesmo depois que eu fiquei semi-famoso e ganhei uma graninha por causa do Hackeando Tudo, já notei uma mudança de comportamento e um mini puxa-saquismo.

Esse não é meu estilo não.

Já foi... e eu me fudi muito na vida exatamente pelo excesso de "*fake*" e de "*poker face*", especialmente na época que eu trabalhei na bolsa de Nova York.

E volto a dizer: sou fã #1 das músicas e da jornada pessoal do Paulo Coelho. Mesmo depois dessa treta toda, minha admiração pelo cara só cresceu.

Da mesma maneira, continuo com uma dificuldade imensa para ler seus livros de ficção de tiazona.

Gosto é gosto, tá ligado?!

Capítulo 21.
O Ciclo da Idolatria

Não tenha medo do sofrimento, pois nenhum coração jamais sofreu quando foi em busca dos seus sonhos.

Apesar de toda aquela treta e todas as críticas que recebi nos comentários daquele post, voltei da Suíça com a consciência tranquila.

Havia cumprido meu objetivo e já havia mapeado todos os passos para cumprir os próximos.

O melhor de tudo: eu voltei para o Brasil com muita história pra contar.

Quer dizer, o melhor não foi isso não. A real é que a Missão Paulo Coelho me trouxe um valiosíssimo aprendizado para levar para o resto da vida.

Aquele episódio sacramentou o fim do ciclo da idolatria.

O que é isso, Raiam?

Quando eu era moleque, eu achava que o Messi era o cara mais foda do mundo.

Acabei o conhecendo pessoalmente através de amigos em comum em Barcelona e a grande conclusão foi que o Messi era cheio de defeitos e inseguranças... ser humano que nem eu.

Depois o ciclo da idolatria passou para um cara chamado Mano Brown.

Sempre fui fã do Racionais MCs e queria conhecer o Mano Brown pessoalmente. Adivinha qual foi a conclusão depois de bater de frente com mais um “herói” pessoalmente? A mesma.

Só que eu insisti no erro, voltei ao mesmo ciclo da idolatria e criei mais heróis: Ronaldo Fenômeno, Neymar, Joaquim Barbosa, Marshawn Lynch, LeBron James, Eric Thomas e até o Gil Brother Away de Petrópolis.

Conheci todos eles em pessoa e tive a mesma conclusão de sempre. Então por que será que eu continuava caindo na mesma armadilha?

Simples: porque eu não estava correndo a minha própria maratona.

Por que será que aquelas pessoas são chamadas de “pessoas de poder”?

Segundo o próprio Paulo Coelho, “poder” é a capacidade que o ser humano tem de transformar seu desejo em realidade.

Você não consegue chegar a esse poder de correr sua própria maratona quando você gasta todo seu tempo se preocupando com o que as outras pessoas estão fazendo.

O foco tem que ser em quem você é e naquilo que você vai criar para o mundo.

Já parou para pensar na razão que te botaram aqui nesse mundo? Veio fazer o que aqui, jovem?

Daí vem toda essa cultura do Snapchat, YouTube, Instagram, e das fanpages de Facebook.

Essa porra só aliena a gente, tá ligado?!

Eu me amarro no trabalho da PhD russa Sonja Lyubomirsky, especialista em psicologia positiva pela Stanford University.

Ela diz que pessoas felizes pensam nos outros com muito menos frequência do que pessoas infelizes.

E nas raras vezes que elas pensam nos outros, elas não estão se comparando a elas com aquele tom de inveja ou vergonha.

Foda-se a grama do vizinho.

Se você está obcecado pela vida de outras pessoas, você não tá correndo tua própria maratona, tá ligado?!

Para de se comparar, caralho!

Larga de ser sadomasoquista e para de passar o dia sentindo inveja dos outros pelo Instagram e pelo Snapchat.

Olha meu caso, pô.

Eu estava tão obcecado em chegar até o Paulo Coelho que acabei o colocando num nível diferente de idolatria como se ele fosse uma pessoa superior a mim.

E não é!

Ele caga, mija, transa, guarda rancor e tem seus medos, inseguranças e decepções amorosas... exatamente igual a todos nós.

A verdade é que eu estava muito mais preocupado com a vida dele do que com minha própria maratona.

Idolatria é o caralho, mano.

Se for para idolatrar alguém, que idolatre Deus.

Se você não acredita em Deus, idolatre a pessoa que aparece no espelho.

Tô me sentindo abençoado aqui e me deu vontade de citar a Bíblia de novo.

Fica tranquilo que eu não vou dar uma de pastor evangélico e pedir dízimo pra você não, já é?

O primeiro dos 10 Mandamentos do livro de Êxodo diz:

“Amar a Deus sobre todas as coisas”

Já que eu tenho leitores que não acreditam em Deus (e respeito o livre arbítrio das pessoas), vou pular esse mandamento aí. Vamos para o segundo então:

“Amar o próximo como a ti mesmo”

Mano, esse aí resume todo esse conflito de idolatria.

Se você olha uma celebridade ao ponto de idolatrá-la do jeito que eu idolatrei o Paulo Coelho, isso é sinal de que você não está amando você mesmo o suficiente.

A grande conclusão da Missão Paulo Coelho não teve nada a ver com o mercado literário.

Idolatrei Neymar, Messi, Gil Brother, Eric Thomas, Marshawn Lynch, Mano Brown, Joaquim Barbosa e Paulo Coelho simplesmente porque eu não amava um cara chamado Raiam dos Santos.

Capítulo 22.
A Verdadeira Missão Paulo Coelho

Ninguém sabe o que vai acontecer no próximo minuto, e mesmo assim as pessoas andam para frente. Porque confiam. Porque têm fé.

Toda essa jornada me fez ter um mega insight.

Pô, o Paulo Coelho é o escritor brasileiro mais lido em todo o mundo.

Já vendeu mais de 200 milhões de livros, foi traduzido para mais de 100 línguas e tem bilhões de reais em patrimônio.

Mano... mas é humano que nem eu!

Isso me fez lembrar da história de um cara chamado Roger Bannister.

Durante décadas e décadas, nenhum ser humano conseguiu ultrapassar a barreira dos 4 minutos na corrida de 1600 metros.

Com tanto mistério em volta daquela prova, criou-se o mito de que era fisicamente impossível bater a “The Four Minute Mile”.

Um belo dia em 1954, esse camarada aí correu 1600 metros em 3:59.4.

Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez... e mudou o jogo para sempre.

Menos de 2 meses depois, uns 10 caras conseguiram bater aquela mesma marca tida como humanamente impossível antes de Roger Bannister.

Cara, se o Paulo Coelho chegou lá e é brasileiro que nem eu, por que eu não posso chegar também?

O cara vendeu 200 milhões de livros e começou a escrever com 39 anos.

Eu comecei com 24, irmão. Tenho pelo menos 15 anos na frente dele.

A primeira Missão Paulo Coelho foi relativamente fácil de conseguir.

Vou até adaptar a frase mais memorável do livro O Alquimista para descrever a missão: o universo inteiro conspirou para que aquilo se realizasse em tempo recorde.

Se sonhar grande e sonhar pequeno dá o mesmo trabalho, agora é a hora de desvendar o verdadeiro significado do título desse livro: eu consigo vender mais livros que o cara ao longo da minha vida.

Como disse Leonardo da Vinci há mais de 500 anos atrás:

"Infeliz é o mentor que não é ultrapassado pelo seu discípulo"

Se você me pedisse para resumir todos os ensinamentos do Paulo Coelho em uma frase, essa frase seria:

"Eu também posso".

Então, irmão... eu também posso.

Sei que faltam alguns muitos milhões, né?! Mas eu estou no caminho.

Vou terminar esse livro por aqui porque tenho mais uns 20 pra escrever.

Valeu aê pela atenção.

Tamo junto!

~Raiam Santos

- O FIM -

POSSO TE PEDIR UM FAVOR?

Se você gostou desse livro, eu ficaria muito feliz se você escrevesse um review lá no site da Amazon.

Um feedbackzinho lá ajuda a dar mais visibilidade ao livro e faz uma grande diferença para mim.

Pô, eu fico até emocionado quando alguém deixa um comentário.

Se eu te convenci a deixar um review, tudo o que você precisa fazer é clicar nesse link aqui embaixo.

http://amzn.to/2118jsT

Quer trocar ideia diretamente comigo? Manda um e-mail para contato@raiamsantos.com ou me procura lá na fanpage do Facebook.

Muito obrigado pela força. ;)

Sobre o Autor

Raiam Santos é escritor de obras de não-ficção voltadas ao público jovem. Seu primeiro livro *Hackeando Tudo: 90 Hábitos Para Mudar o Rumo de uma Geração* foi um dos livros digitais mais vendidos do Brasil no ano de 2015, figurando na lista dos best-sellers do Amazon por 54 semanas consecutivas.

Brasileiro de nascença, Raiam passou a adolescência nos Estados Unidos e formou-se em Economia, Relações Internacionais e Letras na University of Pennsylvania, onde também se destacou como jogador de futebol americano.

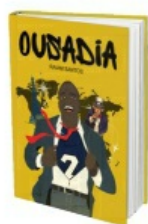
Além de escrever livros, Raiam também fundou a startup de tecnologia Mestrix Quiz e ministra palestras motivacionais no Brasil e Estados Unidos.

Sua maior missão é inspirar jovens brasileiros a confiarem no próprio taco e ignorarem as vozes medíocres do mundo.

Quer saber mais? Visite o blog MundoRaiam.com.

Outros Livros de Raiam Santos

HackeandoTudo: 90 Hábitos Para Mudar o Rumo de Uma Geração

#1 em Administração & Negócios
#1 em Auto Ajuda
#1 em Saúde e Família
#1 em Infanto-Juvenil
http://amzn.to/1KMNp8x

Ousadia: Como Conquistar o Mundo Ainda Jovem

#1 em Turismo
#3 em Biografias
http://amzn.to/1PLwlHD

Wall Street: O Livro Proibido

#1 em Administração & Negócios
#1 em Biografias
http://amzn.to/1PLwlHD